

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES

Manoel Pedro da Silva Neto

A hermenêutica visual: O tarô como ferramenta para leitura de imagem

Rio de Janeiro
Fevereiro 2025

Manoel Pedro da Silva Neto

A hermenêutica visual: O tarô como ferramenta para leitura de imagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito curricular obrigatório do curso de
Licenciatura em Artes Visuais da Universidade
Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Dra. Marina Menezes.

Fevereiro 2025

Manoel Pedro da Silva Neto

CIP - Catalogação na Publicação

N469h Neto, Manoel Pedro da Silva
A hermenêutica visual: O tarô como ferramenta
para leitura de imagem / Manoel Pedro da Silva
Neto. -- Rio de Janeiro, 25.
73 f.

Orientadora: Marina Pereira de Menezes de
Andrade.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Licenciado em Artes Visuais, 25.

1. Ensino de arte. 2. Leitura de imagem. 3.
Cultura visual. 4. Pedagogia de projeto. 5. Tarô. I.
Andrade, Marina Pereira de Menezes de, orient. II.
Título.

Manoel Pedro da Silva Neto

A hermenêutica visual: O tarô como ferramenta para leitura de imagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aprovado em: 24 de Março de 2025

Documento assinado digitalmente
 MARINA PEREIRA DE MENEZES DE ANDRADE
Data: 24/06/2025 19:28:30-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Marina Menezes, Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 MARIANA DE SOUZA GUIMARAES
Data: 30/06/2025 10:10:25-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Mariana Guimarães, Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 WILSON CARDOSO JUNIOR
Data: 03/07/2025 01:37:12-0300
Verifique em <https://validar.itii.gov.br>

Wilson Cardoso Junior, Doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra”

-Paulo Freire

“Para quem sabe ler, um pingo é letra”

- Provérbio popular

Resumo

Saber interpretar uma imagem é a chave para compreender tudo aquilo que entendemos como composições visuais e físicas, criadas com ou sem intenção ou intervenção humana. Hoje, o mundo, as pessoas que produzem e compartilham informação, se comunica cada vez mais através da imagem. Porém para receber tais mensagens é necessário falar tal língua ou pelo menos saber como interpretá-la, o que se torna um dilema uma vez que existe uma diferença nos níveis de proficiência nesta forma de comunicação. Há uma discrepância enorme em quem vê, quem lê e quem domina os conteúdos da imagem. Por isso, o objetivo deste trabalho é pensar em uma metodologia, capaz de contribuir para o ensino de artes no que toca a questão da leitura e interpretação de imagens dentro do campo da Cultura Visual. A partir da compreensão de que a imagem, toda a imagem, existe hoje como um dos objetos de estudo das artes visuais, a necessidade de entender tal objeto surge. Em conjunto com a pedagogia de projeto esta pesquisa pretende idealizar, e testar em campo, uma abordagem onde o aluno, seus interesses e urgências são o centro do processo de ensino através da análise da estética singular do tarot.

Palavras-chave: Ensino de arte; Leitura de imagem; Cultura visual; Pedagogia de projeto; Tarô;

Abstract

Knowing how to interpret an image is the key to understanding everything that we understand as visual and physical compositions, created with or without human intention or intervention. Today, the world, the people who produce and share information, communicates more and more through images. However, in order to receive these messages it is necessary to speak this language or at least know how to interpret it, which becomes a dilemma since there is a difference in the levels of proficiency in this form of communication. There is a huge discrepancy in who sees, who reads and who masters the contents of the image. For this reason, the aim of this work is to come up with a methodology capable of contributing to the teaching of art in terms of reading and interpreting images within the field of Visual Culture. From the understanding that the image, the whole image, exists today as one of the objects of study of the visual arts, the need to understand this object arises. In conjunction with project pedagogy, this research aims to devise, and test in the field, an approach where the student, their interests and urgencies are at the center of the teaching process through the analysis of the unique aesthetics of the tarot.

Keywords: Art teaching; Image reading; Visual culture; Project-based learning; Tarot;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Salvador de cima.....	17
Figura 2 - Bairro da Glória.....	18
Figura 3 - Welcome President Barack Obama.....	19
Figura 4 - Exemplo de arquitetura hostil.....	20
Figura 5 - Obra “Cidade dormitório”.....	21
Figura 6 - Paleta Family Guy.....	22
Figura 7 - Avenida Brasil.....	23
Figura 8 - Cena de “O som ao redor”	24
Figura 9 - Cena de “Cidade de Deus”	24
Figura 10 - O auto da compadecida 2.....	25
Figura 11 - Deus, Pátria e Família.....	26
Figura 12 - Suzanne Von Richthofen.....	27
Figura 13 - Natalia Becker.....	28
Figura 14 - Elize Matsunaga.....	29
Figura 15 - Cartas Visconti-Sforza.....	37
Figura 16 - Sacerdotisa de H. R. Giger.....	38
Figura 17 - Sacerdotisa de Crowley.....	38
Figura 18 - Cena de abertura de Cléo de 5 às 7.....	39
Figura 19 - Pôster de Agatha desde sempre.....	40
Figura 20 - Rider-Waite-Smith 10 de Espadas.....	46
Figura 21 - Rider-Waite-Smith A Morte.....	46
Figura 22 - Aquarian Tarot O Eremita.....	46
Figura 23 - Aquarian Tarot Os Enamorados.....	46
Figura 24 - Omni Tarot A Imperatriz.....	47
Figura 25 - Omni Tarot O Imperador.....	47
Figura 26 - The Lioness Oracle O Sol.....	47
Figura 27 - The Lioness Oracle O Louco.....	47
Figura 28 - Kazanlár Tarot O Mago.....	48

Figura 29 - Kazanlár Tarot O Sol.....	48
Figura 30 - Tarô do Divino Rainha de Ouros.....	48
Figura 31 - Tarô do Divino Sete de Ouros.....	48
Figura 32 - African American Tarot A Temperança.....	49
Figura 33 - African American Tarot A Carruagem.....	49
Figura 34 - The Fountain Tarot A Torre.....	49
Figura 35 - The Fountain Tarot A Estrela.....	49
Figura 36 - The Afro Tarot 3 de copas.....	50
Figura 37 - The Afro Tarot A Sacerdotisa.....	50
Figura 38 - Tarô Nordestino A Torre.....	50
Figura 39 - Tarô Nordestino A Morte.....	50
Figura 40 - Oficina EBA Enamorados 1.....	54
Figura 41 - Oficina EBA Enamorados 2.....	54
Figura 42 - Oficina EBA Injustiçada.....	55
Figura 43 - Oficina EBA Justiceira.....	55
Figura 44 - Oficina EBA Seis de Paus.....	56
Figura 45 - Oficina EBA A Morte 1.....	57
Figura 46 - Oficina EBA A Morte 2.....	57
Figura 47 - Oficina EBA 10 de espadas 1.....	58
Figura 48 - Oficina EBA 10 de espadas 2.....	58
Figura 49 - Oficina EBA Oito de espadas 1.....	59
Figura 50 - Oficina EBA Oito de espadas 2.....	59
Figura 51 - Oficina EBA A Força 1.....	60
Figura 52 - Oficina EBA A Força 2.....	60
Figura 53 - Oficina CP2 O Mundo 1.....	61
Figura 54 - Oficina CP2 O Mundo 2.....	61
Figura 55 - Oficina CP2 O Julgamento A 1.....	62
Figura 56 - Oficina CP2 O Julgamento A 2.....	62
Figura 57 - Oficina CP2 O Julgamento B 1.....	63

Figura 58 - Oficina CP2 O Julgamento B 2.....	63
Figura 59 - Oficina CP2 A Justiça 1.....	64
Figura 60 - Oficina CP2 A Justiça 2.....	64
Figura 61 - Oficina CP2 O Sol 1.....	65
Figura 62 - Oficina CP2 O Sol 2.....	65

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 LEITURA DE IMAGEM.....	13
1.1 A imagem além da superfície.....	13
1.2 Cultura visual.....	15
1.3 Leitura de imagem como conteúdo.....	16
2 PEDAGOGIA DE PROJETOS.....	31
2.1 Estruturas do ensino.....	31
2.2 Os projetos no ensino de artes dentro do Colégio de Aplicação da UFRJ.....	32
2.3 Por que projeto?.....	34
3 METODOLOGIA COMO IDEIA E PRÁTICA.....	35
3.1 Como nasce a metodologia.....	35
3.2 Por que o tarô? Tarô como um objeto de estudo.....	35
3.3 Por que o tarô? Tarô: Objeto de estudo.....	37
3.4 A hermenêutica do Tarô.....	41
3.5 Passo a passo.....	43
4 PROJETO EM PRÁTICA.....	53
4.1 Documentação.....	53
4.2 Oficina 1 - Escola de Belas Artes da UFRJ.....	53
4.3 Oficina 2 - 9º ano Colégio Pedro II.....	60
5 CONCLUSÃO.....	66
6 BIBLIOGRAFIA.....	68
6.1 Bibliografia.....	68
7 SELEÇÃO DE IMAGENS.....	70
7.1 Figuras de 1 a 39.....	70
7.1 Figuras de 40 a 62.....	72

Introdução

Por ser um aluno do curso de Licenciatura em artes visuais, tenho constantes trocas com pessoas que entendem – estudam e consomem – arte diariamente e estão suficientemente preparadas para entender a imagem. Hoje, através dos estudos da cultura visual, observamos que a imagem pode existir como objeto de estudo das artes visuais. Dialoga-se que qualquer imagem, seja ela criada com ou sem intenção ou intervenção humana, é capaz de carregar conteúdo. De acordo com Analice Dutra Pillar (1993, p 77-78), em relação às possibilidades de leitura, a imagem supera o texto justamente pelas relações que os elementos presentes nela sugerem.

Contudo, também trânsito e me relaciono com pessoas que não se dedicam ou se dedicaram e nem vão se dedicar aos estudos das artes visuais. Vou ainda mais além, me relaciono com pessoas que não recebem, não receberam e nem vão receber, por diversos motivos, um ensino de qualidade, ou até mesmo básico, de artes visuais nas suas vidas acadêmicas. Quero dizer que o ensino de arte de inúmeros alunos será insuficiente, não contemplando as necessidades especificadas nos próprios documentos que regem os currículos educativos, ou inexistente, de acordo com cada escola, ou instituição, e suas situações únicas. Por exemplo, em uma escola que apenas oferta a disciplina de Música um aluno não terá, formalmente, uma formação em artes visuais.

Estas pessoas, pela falta de instrução na área, podem vir a não compreender que a imagem carrega conteúdo e assim não conseguir interpretar tal ferramenta de comunicação de forma mais profunda. Cada sujeito tem sim um banco de informações que o auxiliam na hora de ler a imagem em sua camada mais superficial, pelo simples fato deste utilizar de seus sentidos em seu cotidiano assim captando estímulos e dados ao longo do tempo, mesmo involuntariamente, culminando na criação de um portfólio de referências visuais variadas, porém, a imagem, assim como a língua que nos falamos, oferece diferentes níveis de complexidade que necessitam de uma proficiência de interpretação.

Isto cria um abismo entre aqueles que foram preparados para entender a imagem como objeto complexo e aqueles que não foram. Há também um abismo entre aqueles que consomem a imagem e aqueles que dominam sua produção. A imagem se faz presente na propaganda, no fotojornalismo, na moda, na arquitetura e assim por diante dentro de diversos produtos e produções humanas. Uma ausência tão pequena na formação pode impedir que todo um campo de estudo, artes visuais numa esfera contemporânea, passe despercebido para um sujeito.

Então, partindo dessa necessidade, como fazer com que as pessoas tenham acesso a tal conhecimento? No início pensei que a questão envolvia uma mudança de currículo, contudo estão presentes na Base Nacional Comum Curricular, BNCC, as competências: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Se estes tópicos, que são suficientes para dar ao estudante as ferramentas necessárias para decodificar uma imagem, já estão inclusos no currículo talvez seja necessário pensar em uma metodologia.

Em 2023 tive a oportunidade de estagiar em duas escolas sinônimos de excelência de ensino do Rio de Janeiro e no Brasil. Em uma dessas escolas, o Colégio de Aplicação da UFRJ, ministrei algumas aulas e trabalhei o estudo da imagem com uma turma do ensino médio através de baralhos de tarô. Um objeto que atraiu o interesse dos alunos e tem como característica principal uma estética singular que procura dar visualidade a conceitos presentes na vida humana.

Dentro desta pesquisa trataria da leitura de imagem, Cultura Visual, Pedagogia de Projeto e aplicação da teoria. Separando-os como etapas do pensamento e do processo e os unindo ao final da redação de forma que todos eles se sustentam e funcionam como base para a realização da minha hipótese. Utilizo aqui as reflexões e posicionamentos de diversos teóricos que dividem importância similar entre eles, porém com ênfase em professores-pesquisadores. Assim como procuro buscar a pluralidade de conceitos e perspectivas para criação da metodologia, isso se reflete nas referências utilizadas. Faço agora desta metodologia o foco desta pesquisa. Uma pesquisa criada por experiências, sustentada por professores, localizada nas artes visuais com a intenção de dar às pessoas ferramentas que possam possibilitar a compreensão das narrativas visuais na atualidade.

1 LEITURA DE IMAGEM

1.1 A imagem além da superfície

A realidade se constrói, em grande parte, de forma física, desde os espaços até a ilustração de conceitos. Dos cinco sentidos a visão é a mais explorada por nós seres humanos. Podemos ouvir, provar, tocar e farejar mas todos eles são secundários perante a visão. Talvez a audição possa chegar a um nível próximo de utilização, mas ainda não supera a visão. De acordo com Dondis (2003, p 6-7) a visão é de fácil uso e com um grande poder analítico, capaz de receber informações e definir rapidamente tudo aquilo que observa, o ato de ver é uma absorção de conteúdos sem esforço. O mundo existe em sua materialidade e nós a recebemos sem esforço e deste lugar vem a necessidade de absorver mais criticamente esta informação. Então iniciamos o esforço de entender as coisas. Entender, ler, compreender, ou interpretar.

Interpretar uma imagem é uma escolha que o receptor decide tomar quando se depara com uma obra, mensagem produzida por um indivíduo. Quando escuto uma música pela primeira vez, procuro descobrir se tal melodia cabe em meus ouvidos. Minha única preocupação é em saber se gosto ou não da composição. Posso apreciar uma obra em sua superfície sem nunca achar uma necessidade de mergulhar dentro de suas estruturas. Porém, toda a obra, por diferentes motivos, tem algo a oferecer à pessoa que consome. Caso seja do meu interesse, direciono minha atenção para entender o conteúdo da música em si de forma mais profunda e entrar em um espaço de degustação de sentidos. É uma escolha minha mastigar e tratar o objeto da arte desta maneira. Porém é uma opção que nem todos podem escolher ou mesmo sabem que tem.

Aprendi a ler produções artísticas pelo puro interesse de saber mais sobre as coisas que consumo, seja música, cinema, comida, propaganda, arquitetura, artes visuais e afins. Adquiri métodos, técnicas, padrões e até comportamentos para saber, não dominar mas tentar, ler a produção humana de forma mais completa. Tudo isso porque uma vez, através da escola, tive o contato com as artes visuais e hoje minha vida gira em torno desta coisa difícil até de se definir, mas que está em absolutamente tudo e antes de estudá-la era incapaz de vê-la no meu cotidiano. Era despreparado, pois não tinha ainda trabalhado os conhecimentos que carregava, que acumulei ao longo do tempo, de forma necessária para a absorção de tais informações ou conteúdos. Para Dondis (2003, p 13) existe uma capacidade de ver que pode ser expandida,

trabalhada, para que se entenda as mensagens visuais. Uma forma de processo, um tipo de músculo simbólico que pode ser trabalhado e fortificado.

Então hoje, portando esse conhecimento, consigo entender mais das coisas ao meu redor, pois a interpretação das coisas não existe apenas no âmbito dos objetos artístico visuais. Contudo minha realidade não é nem única nem comum. Neste capítulo não ensinarei sobre como ler uma imagem. Imagino que este trabalho atraia a atenção de professores de arte preocupados com questões de ensino e considero que tais professores já saibam ler a imagem, ou pelo menos que estejam familiarizados com a imagem e seus comportamentos. Procuro neste capítulo trazer alguns pontos significativos para a discussão sobre o ensino de leitura de imagem para os alunos em nossas salas de aula.

O primeiro ponto: Hermenêutica da existência. Ter um nível de domínio sobre a leitura, ou interpretação, das coisas caberia não só para produções humanas visuais como também para outras artes e assuntos já que os procedimentos se traduzem e podem vir a colidir. Focando apenas nas artes conseguimos perceber que o processo de destrinchar a pintura “As duas Fridas” de Frida Kahlo pode ser comparado com o processo de análise da música “Como nossos pais” interpretada por Elis Regina. Podemos estudar a composição, a criação, o conteúdo, a sua poética... Expandido o conceito para fora das artes poderíamos aplicar a hermenêutica na culinária e nos perguntar o motivo das mulheres serem o símbolo da comida servida em casa e os homens, os chefs, representarem seu equivalente nos restaurantes. A interpretação cabe ao mundo, contudo dentro deste texto focaremos nas questões físico-visuais.

O segundo ponto: Educação para quem precisa. Este trabalho é pensado para aplicação no ambiente escolar a fim de estar presente na base fundamental acadêmica de todo indivíduo mas encontraremos cidadãos adultos carentes destes saberes e o conteúdo aqui apresentado também se direciona ao ensino fora da escola. Mais precisamente para todos aqueles que necessitam ou se interessam.

O terceiro ponto: O ensino é um processo, humano, de troca interativa não de imposição. Por diversos motivos o ensino de arte não chegou para algumas pessoas e estas podem ter dificuldade em entender que a imagem é um objeto capaz de ser lido. Pillar (1993, p 77) diz que para a criança só a palavra pode ser lida e podemos encontrar indivíduos em diferentes idades com tanta sensibilidade artística quanto uma criança. Talvez menos, já que a criança fora deste lugar de ser humano formado tem a liberdade de brincar, sonhar, aprender, falhar e sem as responsabilidades que lhe ocupam o tempo e os pensamentos. As características de uma pessoa podem fazer com que ela crie uma resistência perante o

conceito de que a imagem fala ou é portadora de significado. A arte existe fora da lista de necessidades básicas biológicas para a sobrevivência e ganha uma qualidade de luxo ou privilégio, para aqueles que têm tempo, dinheiro ou instrução. Precisamos entender e demarcar os abismos que separam um professor de arte e um aluno, seja ele qual for, que irá fazer parte deste diálogo. Não somos iguais, somos pessoas diferentes com direitos iguais vivendo em conjunto e a troca de informações existe neste espaço elástico, fluido e singular.

O quarto ponto: A imagem além da moldura. Nas artes visuais já está estabelecido que as obras de arte carregam sentidos mais profundos que os expostos na margem da sua superfície e muitas obras já foram diversas vezes discutidas e tiveram suas reflexões expostas ao público, cito o estudo de “Las Meninas” de Velázquez por Michel Foucault. Dentro do ensino escolar de artes também é feita a leitura de obras conhecidas. Aqui pensaremos não só sobre a obra de arte mas sobre a imagem como um todo. O quadrinho, a embalagem, a roupa, a casa, o meme, a imagem feita por inteligência artificial, entre outros. A imagem que pode ser vista ou tateada, dentro e fora dos moldes tradicionais das Belas Artes.

O quinto ponto: A interpretação das imagens como finalidade do projeto. A palavra hermenêutica presente no título do trabalho diz respeito ao estudo da interpretação. De acordo com Palmer (1969) o estudo da interpretação se caracteriza pelo processo de decifrar e, principalmente, entender uma obra. Através da hermenêutica o indivíduo se preocupa com a compreensão das coisas. Ao longo do texto será usado o termo leitura de imagem que pode ser entendido como uma absorção dos elementos de uma imagem de forma mais técnica ou pragmática, porém, atribuo, dentro desta pesquisa, as características da hermenêutica à leitura de imagem. O foco deste trabalho é então contribuir para o ensino de leitura de imagens através da criação de uma metodologia idealizada pelo estudo hermenêutico visual, para oferecer àqueles contemplados com tal abordagem possíveis saberes para ler e interpretar a imagem da forma que bem entenderem.

1.2 Cultura visual

Para começar a falar do assunto, utilizo as palavras presentes no trabalho de Ricardo Campos sobre a cultura visual e o olhar antropológico, onde o autor resume o conceito de Cultura visual após a análise dos escritos de Sarah Chaplin e John A. Walker no livro de 1997, *Visual Culture: An Introduction*.

Uma primeira definição está associada à identificação de um horizonte de investigação com fronteiras relativamente elásticas. Por cultura visual, muitos

entendem uma área de investigação relativamente recente, forjada a partir de múltiplos contributos disciplinares e agendas acadêmicas. Assim, mais que uma disciplina institucionalizada, esta parece ser uma grande área de estudo de tendência transdisciplinar, acolhendo investigadores provenientes de ramos científicos, artísticos e humanísticos que buscam, grosso modo, algo comum: entender a imagem, o olhar e a visualidade enquanto construções humanas, social e historicamente situadas (CAMPOS, 2012, p 21).

Quando se diz “...um horizonte de investigação com fronteiras relativamente elásticas...” estamos falando de uma arte que abraça o que antes estava fora de seus limites criados através de séculos de tradição. Assim entendemos que a Cultura visual contempla a imagem que não necessariamente vai ser criada pelos artistas. Esta imagem pode até em alguns casos existir adormecida, sem conhecimento do que é, esperando que alguém a reconheça como imagem e objeto capaz de carregar conteúdo.

A cultura visual é altamente inclusiva. Inclui as belas artes da pintura, do desenho e da escultura e imagens vernaculares como a arte popular e as selfies. Naturalmente, inclui também os meios de comunicação social populares, incluindo filmes, cartazes de filmes, televisão, publicidade em cartazes, ilustrações de revistas, jogos de vídeo, memes visuais da internet e assim por diante. (Duncum, 2020, p 5, Tradução nossa).

Hoje, todos nós temos o poder de capturar, de compor, de editar e até de atribuir a confecção da imagem a máquina. Como dito acima, a imagem não é criada apenas por aqueles treinados para a função e, por esse motivo, a imagem é extremamente diversa. São bilhões de pessoas consumindo e manipulando a imagem.

Entendendo o objeto de estudo da Cultura visual, a visualidade em sua plenitude, devemos pensar nos porquês de se estudar tal produto. Como Campos diz, o estudo da imagem está diretamente ligado às influências para aqueles que a consomem. Quando treinamos a percepção e os sentidos trabalham para decodificar as informações dentro da criação humana, o que está análise resultará? Quais os efeitos e repercussões desta imagem? Por que foi feita? Quem fez? Quais suas interpretações? Abaixo cito diversos exemplos de imagens e diálogos sobre elas partindo de pontos de vista meus e de terceiros.

1.3 Leitura de imagem como conteúdo

Entender as imagens que nos cercam serve tanto para tirar delas o necessário que elas tem a oferecer quanto para impedir que a imagem que carrega valores distorcidos impregne nosso entendimento de mundo assim criando conceitos, visões, comportamentos e atribuições prejudiciais para uma construção da realidade que nos cerca. Deixo aqui alguns exemplos, pessoais, de como a imagem atravessa o meu cotidiano.

Figura 1 - Salvador de cima



Fonte: Pinterest.

Quando fui pela primeira vez a Salvador (Figura 1) senti uma grande semelhança desta com o Rio de Janeiro (Figura 2), minha moradia e de onde escrevo esse texto. Sem saber por qual motivo, não me senti tão distante de casa. Pesquisando rapidamente descobrimos que as duas cidades têm datas de fundação muito próximas, com apenas quase 16 anos de diferença e isso é um fator que influencia essa minha percepção. A sua criação é acompanhada pela arquitetura, suas preservações e atualizações, a roupa que a cidade usa para cobrir suas terras e espaços. Além do clima, das praias, da música e peças afins que constituem uma identidade mais completa de cidade, porém não são criadas de forma tão programada como a construção de edifícios. Mais adiante adquiri uma outra peça para entender o motivo de por as duas cidades tão próximas uma da outra. Um professor meu uma vez disse que cidades que uma vez foram capitais tiveram uma criação e funcionamento diversificados, como por exemplo a criação de muitos edifícios públicos para funções governamentais, obviamente, além da construção de museus, igrejas monumentais e outros prédios que dariam a capital um aspecto de capital. Conclui então que a cidade como um todo tem uma identidade capaz de ser lida e comparada tanto quanto outros produtos artísticos.

Figura 2 - Bairro da Glória



Fonte: O Globo, 2021.

Outra coisa que percebi durante minhas estadias na cidade é a relação entre presença e representação. Quais os corpos do local e a quem se dirige suas propagandas? Quem está

nas propagandas e outdoors (Figura 3)? Diversas vezes repeti a frase “Salvador é tipo um Rio só que faz sentido”. Minha percepção sobre a cidade fazer sentido existe pelo fato das propagandas terem em sua grande parte protagonistas negros, dada a sua grande população afro-brasileira. O Rio também tem uma grande número de negros transitando pelos seus espaços, mas a distribuição de seus representantes na questão da publicidade, a partir de um olhar de quem vive neste território, é pelo menos reduzida quando em comparação.

Figura 3 - Welcome President Barack Obama



Fonte: O Globo.

Muito deste texto vem das minhas experiências como um sujeito que simplesmente vive e observa o que está ao redor. Observa, estuda, analisa, rumina, experimenta, capta...

Pensando ainda em cidade, mas em exemplos menores, cito a arquitetura hostil (Figura 4). Este ramo da arquitetura se caracterizaria pelo desejo de definir como certo corpo pode se comportar em certo espaço público, delimitando suas possibilidades com a aplicação de obstáculos diversos (Kussler, 2021, p. 19). Quando mais jovem estudei em uma escola onde o ponto de ônibus ficava perto de um viaduto e o espaço abaixo era repleto de pedras, o que eu achava incrível. Por que ter um chão liso quando se pode ter algo que parece ter saído de um filme de ficção científica? Hoje entendo os problemas da estética deste espaço. A arquitetura hostil parece funcionar em um diálogo muito sutil entre desenho e utilidade,

porque existe um apelo estético. Um chão pode ser um chão ou um mar de pedras. Um banco de parque pode existir em seu formato mais popular ou apresentar barras que separam seus lugares, pode sentar mas não deitar nem dormir. O desejo de impedir que um grupo específico se utilize daquele espaço qualifica uma intenção exclusiva, você não pode estar aqui, neste caso diretamente para moradores de rua, mas os processos se traduzem e se repetem e seus alvos podem sempre ser outros.

Figura 4 - Exemplo de arquitetura hostil



Fonte: Arquiwiki.

Na obra de Guga Ferraz, 2007, Cidade dormitório (Figura 5), podemos observar um objeto, uma obra de arte pensada e calculada, que tem como foco dar a uma parede um oito camas. Uma maneira bonita de pensar o inverso da arquitetura hostil, onde a cidade pode acolher os grupos marginalizados e esquecidos.

Figura 5 - Obra “Cidade dormitório”



Fonte: A gentil Carioca.

No episódio 15 da 11 temporada do seriado Family Guy uma cena foi criada onde o protagonista da série, um homem branco, tenta passar por um pedágio e o guarda que estava posicionado em sua frente levantou uma paleta de cores contendo seis tons de pele. As três cores de cima mais claras e as três de baixo mais escura e do lado de cada grupo de cor respectivamente de cima para baixo, a seguinte legenda: Okay e Não Okay. A imagem desta cena foi pensada para dialogar sobre aspectos étnicos políticos entrelaçados com os direitos de ir e vir de um cidadão no contexto estadunidense de forma simples e concisa. Com o poder da internet e suas ferramentas digitais, a imagem serviu como um molde para explorar outras relações pares de conflitos. No programa, os grupos de cores dividiam pessoas brancas e não brancas. Inúmeras edições foram feitas, como: Democracia e Ditadura, Protesto e Revolta, Fortnite e freefire, eles construíram e eles precisaram de aliens, mal dia e pessoa má, baunilha e chocolate, jovem e traficante, entre outras (Figura 6).

Figura 6 - Paleta Family Guy



Fonte: X.

As artes, em seus diversos segmentos, sofrem diferentes efeitos e se relacionam com o homem de forma diferente, especialmente no que diz respeito ao seu consumo. A música não vai ser consumida como o teatro. A dança não vai ser consumida como a literatura. Algumas artes vão ser mais consumidas que outras. O cinema, e a televisão (Figura 7) como formas adaptadas do teatro e encenação, assim como a música existem numa bolha de

consumo popular, em contato constante com pessoas de diferentes níveis sociais primordialmente como forma de entretenimento.

Figura 7 - Avenida Brasil



Fonte: CNN Brasil.

Como todos os produtos, este também sofre uma separação de níveis dentro das suas produções. Existem filmes que vão ser consumidos por muitas pessoas e filmes que não. A razão de alguns filmes não se tornarem tão populares como outros pode variar, mas uma delas é o seu conteúdo e como este vai ser abordado. Partindo do pensamento de Pierre Bourdieu (1979), todos nós temos, ou podemos vir a desenvolver, um capital cultural. Capaz de nos auxiliar em diferentes áreas da vida em sociedade. Possibilitando por exemplo o consumo de arte e cultura. Podemos usar o capital cultural para definir as limitações de um grupo em relação ao cinema.

Figura 8 - Cena de “O som ao redor”



Fonte: CinemaScópio.

Existem filmes que serão assistidos por pessoas com um grande, ou desenvolvido, capital cultural, outros por pessoas com pequeno capital cultural e outros que serão assistidos por todos. Podemos traçar uma linha entre quem assiste “A vida invisível de Eurídice Gusmão” e quem assiste “Vai que cola - O filme”, em quem assiste “O som ao redor” (Figura 8) e quem assiste “Se eu fosse você”. Até os gêneros de filme, de certa forma, delimitam os espaços. Essa divisão de público, e conteúdo, pode definir também o prestígio de uma obra. A segregação de características dentro dos filmes demarca público, valor, conceito, alvo, importância ou presença nas salas de cinema por todo o Brasil e mundo. Contudo, algumas peças conseguem atravessar esses limites.

Figura 9 - Cena de “Cidade de Deus”

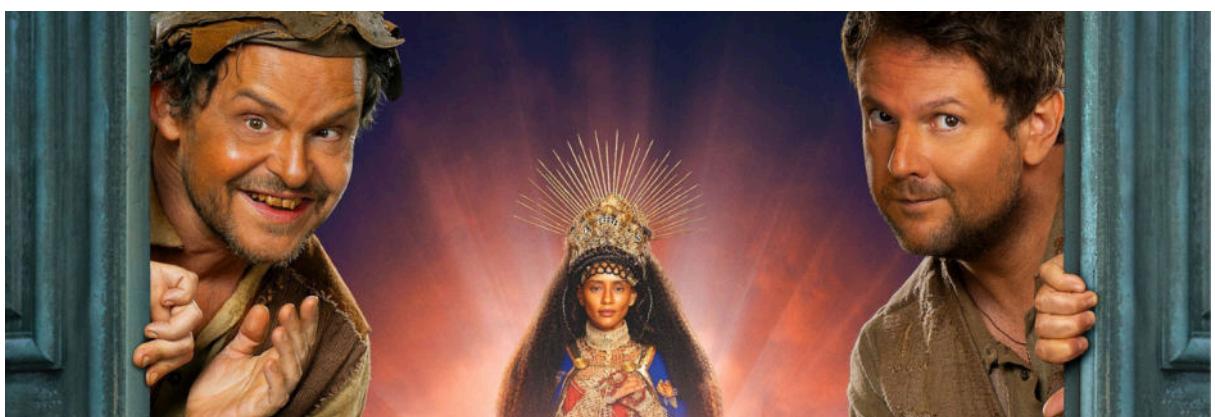


Fonte: Mídia Ninja.

Filmes como “Tropa de Elite”, “Central do Brasil”, “Cidade de Deus” (Figura 9) e “Que horas ela volta?” são exemplos de obras que unem os dois tópicos, o grande público e o prestígio. Obras em que as barreiras previamente ditas foram derrubadas e a arte conseguiu existir de forma mais livre, justamente pelo modo como o seu conteúdo é trabalhado. A violência no Rio e policial, as relações entre classes... Os vínculos estabelecidos entre o público e o produto podem funcionar como um propulsor do seu consumo. Mesmo que um indivíduo não tenha um Capital cultural desenvolvido, conforme a concepção de Bourdieu, este ainda tem um acervo de experiências capazes de auxiliar no processo de consumo cultural.

Diria que o santo graal dos exemplos é o aclamado “O auto da compadecida”. Onde uma peça de teatro encontra o espetáculo. Um show demonstrando as estruturas de poder de um território, a religião, as questões de gênero, a fome e o sertão brasileiro. Tudo isso com uma linguagem muito próxima da usada no dia a dia e até de pessoas que passaram por esse ambiente, o sertão ou interior brasileiro, fazendo com que estes possam estabelecer relações mais profundas com a arte. Mesmo quando suas estruturas podem parecer complexas, através da aproximação e reflexão sobre seus conteúdos o consumidor consegue decifrar seus significados e aproveitar a obra de uma outra forma. Como avalia o protagonista do filme em uma entrevista: “Eu acredito plenamente que O Auto é uma das principais alavancas da retomada do cinema brasileiro para que o público fizesse as pazes com o nosso cinema”¹. Reflexão que se materializa com o sucesso da sua sequência, O auto da compadecida 2 (Figura 10), arrecadando mais de 62 milhões de reais.

Figura 10 - O auto da compadecida 2



Fonte: Cinépolis.

¹ Entrevista com o ator Matheus Nachtergaele para a DW. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/matheus-nachtergaele-todo-o-plantio-que-fiz-como-ator-é-uma-atitude-política/a-69898027>, acesso em 07/02/2025.

Durante a ascensão de Jair Bolsonaro (Figura 11) ao poder e aos centros de discussões onde se tornou popular por seu comportamento, houve um uso exacerbado das camisas, e outros tipos de vestimentas e acessórios, da seleção de futebol estampando as cores, nomes e símbolos que representavam o Brasil. Essa utilização do signo constante tanto pelo político quanto por seus seguidores fez com que tais peças de roupa e combinação de cores fosse atrelada aos valores e opiniões deste grupo. O que antes era país se tornou pátria. O que antes era torcida se tornou uniforme, marca e símbolo embebido de conceitos recentemente forjados. A relação entre a iconografia da indumentária e os valores daqueles que a envergavam era tão grande que os que não compartilhavam de tais opiniões se recusavam muitas vezes a usar tal traje. É de notório saber que a moda funciona muitas vezes como demarcação pessoal de um grupo, mas este fenômeno, muito propagado pela mídia e dada as características de seus protagonistas, conseguiu atingir diversos outros grupos que nem saberiam dissertar sobre o próprio poder da moda no dia a dia.

Figura 11 - Deus, Pátria e Família



Fonte: Pragmatismo.

Outro caso onde a moda pode ser lida como uma ferramenta para manipular sentidos é na comparação feita entre a condenada pelo assassinato dos pais, Suzanne Von Richthofen (Figura 12), e a indiciada por homicídio, Natalia Becker, quando as duas escolheram para dar entrevistas peças de roupa rosa com a personagem Minnie Mouse estampada nelas. Não

descarto a possibilidade de coincidência mas todos nós, adultos principalmente, em condições adequadas, temos uma agência sobre as nossas escolhas. Suzane, hoje condenada por matar os pais, poderia estar usando uma blusa azul, verde, preta, amarela e assim por diante, mas usa rosa, rosa claro. Uma cor popularmente, na atualidade, atrelada ao feminino e ao mesmo tempo ao infantil. Poderia também estar vestindo uma camisa com a imagem de Norman Bates ou Zeus, um personagens conhecidos por matar seus genitores, mas qual seria o peso de tal decisão em uma entrevista para o fantástico onde esta tenta provar sua inocência? E quais os valores Minnie Mouse carrega? Parceira do Mickey, propriedade da empresa popularmente conhecida por seus produtos voltados para o público infantil com características lúdicas e mágicas empregadas até nos nomes de seus bens como o *Magic Kingdom*, Reino Mágico, parque de diversões da Disney na Flórida.

Figura 12 - Suzanne Von Richthofen



Fonte: Estado de minas.

Natalia (Figura 13), anos mais tarde, ainda em uma entrevista para o Fantástico, aparece com um moletom, roupa que remete ao conforto e aconchego, rosa forte com uma Minnie estampada. Existe a chance destas escolhas terem sido só eventualidades mas ainda

sim escolhas foram feitas, escolhas que desde o princípio seriam públicas, para entrevistas em rede nacional. Rosa e Minnie. Estas entrevistas são feitas para que o acusado possa mostrar suas opiniões ao público aberto, nos oferecendo seu lado, suas opiniões ou esclarecendo dúvidas, mesmo que de maneira espetacular e performática. Mesmo que as opiniões públicas possam não afetar as decisões legais sobre os processos de acusação, alguns casos ganham proporções diversas e a percepção da sociedade sobre o réu pode ocasionar em diversos desfechos para aqueles envolvidos. Suzane Von Richthofen, assim como uma outra hoje é considerada uma pessoa pública e até personalidade da cultura POP brasileira, em 2021 ganhou um filme contando uma narrativa do crime.

Figura 13 - Natalia Becker



Fonte: O tempo.

Outra mulher condenada por homicídio também divide um espaço na cultura pop digital brasileira, Elize Matsunaga (Figura 14). Esta ganhou um documentário sobre o crime em 2021 e aparece em diversos memes na internet, assim como Suzanne, sempre tendo seus crimes como *punchline*, a chave do humor dentro da piada.

Figura 14 - Elize Matsunaga



Fonte: Reddit.

As observações dessas comparações nasceram da avaliação de espectadores com olhos abertos e repertórios visuais capazes de ligar os dois momentos. Neste capítulo cito diversos tipos de imagens, imagens que podem não representar nada além do que elas estejam representando fisicamente. Porém quando essas pessoas citadas acima fazem escolhas públicas e o público as olham de volta com um certo posicionamento acredito que esta imagem valha a pena ser citada, mesmo que apenas para um estudo dos signos. Essas são as imagens que interessam para a pesquisa, o mundo visual que rodeia os indivíduos dentro e fora das escolas.

Refletindo sobre o que foi mostrado acima podemos perceber que a visualidade neste momento também é comunicação e todas essas mensagens podem contribuir ou podem ser nocivas, dependendo do quanto entendemos o que está querendo ser passado. Por isso o

estudo da imagem é tão pertinente neste momento. A sua criação é instantânea e por vezes até espontânea. O seu meio de divulgação mais comum é a internet conectando todos aqueles que têm acesso e o material é fluido funcionando em razão do público. A imagem, como um todo hoje, é mais significativa que a obra de arte pelo simples motivo de que é mais acessível. Se tornando mais *relatable*, aquilo com que a pessoa estabelece uma relação de identificação. Também é mais palpável, mais local, mais fluida. Além de ser menos restrita, excludente e elitista que a obra de arte tradicional.

Somado a tudo isso, a imagem pública, esta imagem que está em todo e qualquer lugar aguardando olhos atentos, também vai carregar questionamentos, em sua maioria sociais ou que existem dentro do âmbito político. Aquele humano, ou ferramenta tecnológica, que produz o objeto e tudo que está presente na imagem participarão também de tais indagações. Aqui existe uma fragmentação de sentidos entre a imagem e a obra. A obra para ter sentido político precisa, quase sempre, ter sido feita com este intuito, enquanto a imagem, quase sempre, vai existir dentro deste lugar pela sua flexibilidade de criação e existência. Até os questionamentos usados para analisar tal produto se voltam para os estudos das ciências sociais e do homem. Julgo que reside aqui a sua versatilidade que manifesta a necessidade de uma aplicação dos estudos da Cultura Visual numa trama de conteúdos presentes nos currículos escolares.

2 PEDAGOGIA DE PROJETOS

2.1 Estruturas do ensino

Fernando Hernandez quando dialoga sobre a pedagogia de projetos reflete profundamente sobre como o conhecimento é passado dentro da sala de aula. O autor aborda a relação entre currículo e aluno e este no centro de todo o processo. Como argumenta o autor:

Os projetos constituem um "lugar", entendido em sua dimensão simbólica, que pode permitir: a) Aproximar-se da identidade dos alunos e favorecer a construção da subjetividade, longe de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista, o que implica considerar que a função da Escola NÃO é apenas ensinar conteúdos, nem vincular a instrução com a aprendizagem. b) Revisar a organização do currículo por disciplinas e a maneira de situá-lo no tempo e no espaço escolares. O que torna necessária a proposta de um currículo que não seja uma representação do conhecimento fragmentada, distanciada dos problemas que os alunos vivem e necessitam responder em suas vidas, mas, sim, solução de continuidade. c) Levar em conta o que acontece fora da Escola, nas transformações sociais e nos saberes, a enorme produção de informação que caracteriza a sociedade atual, e aprender a dialogar de uma maneira crítica com todos. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 61)

O formato de projetos possibilita outras formas de ensinar. Mais do que passar um conteúdo, a preocupação do projeto é o protagonismo do aluno no seu processo de aprendizagem. Qual a relevância desse tema para o aluno? O aluno se interessa? Como o aluno realiza a pesquisa? Como o aluno recebe, entende e compartilha o conhecimento adquirido no fim do projeto?

Quanto ao professor, este não existe como detentor de todo o conhecimento e verdade enquanto o aluno é aquele que apenas recebe a informação. Hernandez, defende que o professor é sim um expert no seu assunto, mas seu papel é muito mais de um guia, uma vez que o seu papel dentro do projeto é o de preparar as condições adequadas para o processo de aprendizagem. O projeto também é flexível em sua natureza, em relação ao tempo, às informações, o que será realizado... De forma alguma significa ausência de estrutura, apenas significa que o processo existe num molde mais orgânico.

Tudo dito até aqui responde à ideia de "entender" por que os projetos são considerados como um método e o que essa posição significa na prática de muitos docentes. No entanto, os projetos de trabalho não deveriam ser considerados como um algoritmo, porque: a) Não há uma sequência única e geral para todos os projetos. Inclusive quando duas professoras compartilham uma mesma pesquisa, o percurso pode ser diferente; b) O desenvolvimento de um projeto não é linear nem previsível; c) O professor também pesquisa e aprende; d) Não pode ser repetido; e) Choca-se com a idéia de que se deve ensinar do mais fácil ao difícil; f) Questiona a idéia de que se deva começar pelo mais próximo (a moradia, o bairro, as festas, etc.) da mesma maneira que já não se ensinam primeiramente as vogais, depois as consoantes, as sílabas, as palavras, a frase; g) Questiona a idéia de que se deva ir "pouco a pouco para não criar lacunas nos conteúdos"; h) Questiona a ideia de que

se deva ensinar das partes ao todo, e que, com o tempo, "o aluno estabelecerá relações". Por tudo isso, como dizia uma professora, "fazer projetos não significa compreender a concepção educativa dos projetos".(HERNÁNDEZ, 1998, p. 78-79)

Porém esse formato de ensino, ou de escola, não é o mais comum que conhecemos. Nossos alunos, eu inclusive uma vez não a muito tempo, estão preocupados apenas com a próxima fase, seja ela outro ano, outra escola ou outra etapa da vida acadêmica. Uma preparação não do sujeito mas de um aluno para realizar alguma coisa. Algumas escolas pelas suas especificidades até conseguem alcançar este lugar em que Fernando fala sobre. Outras através do PPP, Projeto Político Pedagógico, também podem desfrutar dessa forma de ensino. Por isso, ele defende também uma reestruturação na escola, de forma que os projetos caibam dentro da instituição de forma mais gentil e adequada, mesmo que a execução do projeto não burle nenhum parâmetro presente na LDB, Leis de Diretrizes e Bases, que oferece as instituições de ensino liberdade de ensinar e incentiva a criação de relacionamentos entre sociedade e escola.

"Por que não aplicar à Escola Fundamental o que se faz na esfera dos negócios ou no ensino superior especializado? Por que não organizar a Escola seguindo um plano de tarefas análogo ao que se desenvolve fora, na casa, na rua, na sociedade?" O que se pretende é que o aluno não sinta diferença entre a vida exterior e a vida escolar. Por isso, os projetos devem estar próximos à vida. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 67)

2.2 Os projetos no ensino de artes dentro do Colégio de Aplicação da UFRJ

No ano de 2023 realizei dois tipos diferentes de estágios em diferentes escolas conceituadas do Rio de Janeiro. Em uma delas, o Colégio de Aplicação da UFRJ, acompanhei três turmas de três segmentos diferentes, sendo eles Fundamental 1 e 2 e Ensino Médio. Logo percebi como o ensino de artes era dado de maneira diferente. Uma forma que não vi quando tive artes visuais entre meu sétimo e nono ano, que não vi no meu primeiro ano e nem vi dentro do outro estágio que estava realizando simultaneamente.

No segundo ano do Fundamental 1 os alunos estavam imersos num processo de observação, planejamento e criação tridimensional. Com diferentes ganchos e etapas para a elaboração final de um espaço criado com cuidado e afeto por aqueles que o observaram.

No sexto ano, Fundamental 2, os alunos agora mais velhos já se depararam com outra dinâmica. Trabalhavam os espaços também, mas de outra forma. Com um olhar histórico, social e até mesmo técnico caindo um pouco para um estudo de arquitetura. Porém o seu maior foco eram as relações entre o corpo e o espaço e as relações étnicas dos seres humanos e as suas produções urbanas.

No segundo ano do Ensino Médio os alunos tiveram aulas onde envolviam um processo de jardinagem fora da sala de aula, processos de catalogação da flora e discussões sobre as urgências das suas idades e dos seus ambientes.

Três segmentos diferentes, três grupos diferentes, três educadoras diferentes com três pesquisas diferentes. Mesmo com tantas diferenças a forma como as aulas eram dadas e o conteúdo passado unia todo o grupo de professores e alunos nesta matéria. O currículo de artes visuais da escola, pensado por seus docentes, possibilitava a aplicação dessas aulas quase que em forma de projeto, mesmo que a teoria da Pedagogia de projetos nunca tenha sido citada nas conversas entre estagiários e docentes. Hoje percebo grandes similaridades entre a estrutura de ensino do CAP-UFRJ e as percepções sobre educação de Hernandez, o que provaria em prática, dentro de minhas vivências, o sucesso deste formato. Mesmo se tratando de uma escola, um colégio de aplicação, com um ensino de artes atípico consigo perceber as possibilidades de aplicação em outros espaços.

Ambos pensam no aluno como o centro do processo de aprendizagem, Ambos valorizam a autonomia do estudante. Ambos pensam nos conteúdos passados partindo de uma necessidade do sujeito. Todavia há uma sutil diferença neste último ponto, enquanto Hernandez pensa que os conteúdos deveriam estar atrelados com os seus interesses, aquilo dentro do que deve ser ensinado tem que interessar e fazer sentido para tal estudante, entendo que o CAP-UFRJ considera mais necessário as urgências do aluno. Quais as necessidades deste grupo? Qual o seu contexto? Como estão seus comportamentos, relacionamentos, opiniões? Em muitas orientações, período de tempo antes ou depois de cada aula onde os licenciandos podem conversar sobre a turma com o docente responsável, diversas vezes este foi o assunto da discussão.

A forma como este corpo docente de artes trabalha não é única ou comum, como já disse, mas gosto de observar pilares que poderiam ser introduzidos dentro de outras instituições de ensino a fim de providenciar um ensino de arte de qualidade. Com este trabalho, penso em uma metodologia que pode, espero, suprir uma questão que considero ser uma urgência para as pessoas atualmente. Um conhecimento que, nas palavras de Hernández deve estar presente em todos os ambientes em que o aluno transita, não apenas na escola. A experiência de estágio nesta escola me mostrou que esta teoria, este tipo de educação é possível mesmo que ainda não seja popular. Viver a prática dos projetos tanto como estagiário, acompanhando as turmas, quanto como licenciando, em menor escala ministrando minhas aulas, me confirmou as possibilidades que este tipo de processo pode oferecer para

uma educação em artes, independente de tema, conteúdo ou conhecimento. Focando mais no aluno, este acaba criando relações com o ensino e a escola.

2.3 Por que projeto?

Por que atrelar a metodologia à Pedagogia de Projeto? Quando Hernández fala de projetos ele associa tal prática a um tempo diferente, maior, que tempo pensado na estrutura da escola. O autor fala sobre como os projetos precisam de uma margem de tempo para funcionar (1998). Ao invés de aulas únicas dedicadas ao conteúdo A, B e C, eles existiriam dentro de um projeto que tocaria diversos tópicos, matérias, interesses e funcionaria de forma orgânica dentro de um espaço de tempo que independeria de uma marcação fixa de aula, ou pelo menos de uma divisão unitária de aula por conteúdo. O tempo como tópico importante proporciona uma maturação de conhecimento e ideias que estão sendo tratadas neste espaço. Dentro dos projetos as matérias, disciplinas, seriam parcialmente dissolvidas, não perdendo seus espaços mas ganhando a possibilidade de adentrar outros ambientes fazendo com que o aluno relacionasse os conhecimentos possíveis de coexistirem, assim como acontece na vida como um todo. Outro aspecto é a necessidade do interesse do aluno sobre os assuntos trabalhados. Adiciono também o que foi falado no subcapítulo acima, sobre as urgências dos alunos, do grupo em questão para onde a metodologia irá se voltar.

Vejo a necessidade do projeto também dentro do conteúdo escolhido, o estudo da imagem. O tema é amplo e mutável, os alunos têm as suas próprias relações com a imagem e dentro do planejado espera-se que outras relações sejam estabelecidas. A imagem a que me refiro também existe num espaço que não pode ser contabilizado, o tempo é aliado do ensino já que a sua flexibilidade oferece a oportunidade de consumir mais materiais dentro dos processos educativos. O que possibilita os alunos a ruminar, dialogar e pesquisar. Em momento algum espero que tal metodologia passe valores concretos e rígidos, tudo é sobre processo e sobre os alunos, oferecer a ele um espaço apropriado para que este explore as suas relações com a imagem é o foco, contudo que entenda que a imagem possa carregar conteúdo.

3 METODOLOGIA COMO IDEIA E PRÁTICA

3.1 Como nasce a metodologia

Durante o meu estágio com o segundo ano do ensino médio achei no armário da professora um baralho de tarô e quando o tirei percebi como os alunos se interessavam pelo objeto e como alguns já tinham até um certo domínio sobre o objeto. Por isso optei por desenvolver uma regência sobre o assunto, sobre os métodos divinatórios pelo mundo e sobre o tarô, com a produção de uma carta no final das aulas. Acredito que o objeto escolhido foi a chave para o sucesso das regências, percebi que usar do baralho e das relações que os alunos têm com ele poderiam servir como ponte para entender outros métodos divinatórios, dialogar sobre a necessidade do ser humano em saber sobre o futuro e como eles poderiam usar da imagem do tarô para criar uma “carta” que mostrasse eles e algumas de suas características.

Ao fim do período de estágio decidi começar a pensar sobre o que eu gostaria de escrever dentro do TCC. Desde a regência sobre o tarô, venho pesquisando mais e mais sobre ele e desenvolvendo sempre novas percepções sobre o assunto. A sua estética principalmente, e digo estética pelas características como a imagem do objeto funciona. A imagem do tarô procura ilustrar algo, seja de forma figurativa ou abstrata, e essa imagem estará ligada a um conteúdo teórico de cada carta que procura uma forma visual de existir, na grande maioria dos casos já que alguns baralhos podem não ter essa preocupação.

Outro campo de meu interesse é a leitura de imagem e como isso falta em alguns lugares onde convivo como foi explicitado anteriormente. Como pensar um ensino de artes abrangente, básico, atual e que possa ser de uso do aluno em sua vida sem um fim técnico? A ideia de uma metodologia propriamente dita vem das trocas que tenho com a minha orientadora, mas pensar outras formas de ensino e conteúdos, como a inclusão da Cultura visual na grade curricular de artes, é o que faz com que eu chegue até esse momento. A minha identidade como professor vem só porque eu tenho, ainda muito fresca, uma identidade como aluno. O meu relacionamento com o mundo, as minhas experiências na escola, o desenvolvimento do meu eu dentro da academia culminam nesta metodologia que tem a imagem e o aluno como centro e fim, como objetivo e razão.

3.2 Por que o tarô? Tarô como um objeto de estudo

Como citado anteriormente, o baralho de tarô foi um objeto encontrado com a turma, que conseguiu atrair a atenção daquele grupo, que se interessava pelo místico e pelas questões

filosóficas ou psicológicas que tal objeto oferece àqueles que utilizam de seus serviços. Em uma situação diferente poderia ter usado outra expressão artística visual para pensar sobre a regência. Este trabalho poderia se chamar “**A hermenêutica visual:** O cinema como ferramenta para leitura de imagem”. Ou as embalagens como ferramenta, ou as histórias em quadrinhos como ferramenta, ou a moda, ou o grafite, ou o design, ou a publicidade... Entender a imagem a partir de objetos ou produtos fora dos limites das belas artes.

O tarô em primeiro plano ganha seu protagonismo por funcionar com aquele grupo em questão mas nem sempre vai ser assim. Por mais que este objeto possa sim estar presente em qualquer sala de aula talvez uma turma prefira explorar outros trabalhos. Todos eles com suas especificidades e todos eles, a partir do seu trabalho e análise, podem contribuir para o ensino de interpretação da imagem.

Uma fotografia vai ter suas características de leitura, uma embalagem suas características de produção, uma roupa vai desenvolver relações com o ambiente. O estudo do material principal, com o estudo de outras imagens simultaneamente, provocará um efeito no grupo. Hernandez fala sobre como nenhum projeto deve ser, ou vai ser, igual a outro e esta variável, a escolha de objeto visual, direciona os caminhos do ensino e quais as experiências serão vividas por aquele grupo durante o processo. O tarô como objeto visual não pode se separar de características esotéricas, o cinema pode. A publicidade não pode se afastar do mercado, a fotografia pode. Nesta tabela sugiro questionamentos que podem transpassar cada escolha de objeto de estudo, dentro do que a Cultura Visual procura observar.

Tema	Assunto	Tema	Assunto
Tarô	A arte usada para ilustrar conceitos	Cinema	Arte, consumo e degustação
Joalheria	Mercado, ornamentação, utilidade e valor	Publicidade	Sugestão e manipulação de necessidade
Brinquedos	Definição de padrões de consumo	Moda	O roupa na busca de identidade e demarcação de grupos
Memes	A construção de humor e sentido no mundo digital	Arquitetura	Como o corpo deve se comportar no ambiente em relação a ele

Acima, mostro algumas simples possibilidades que a escolha de cada expressão ou objeto pode oferecer e caberá ao professor observar qual se adequa melhor aos alunos e qual o fim do seu projeto. Lembrando que o professor não precisa ser expert no assunto já que os alunos também farão parte do processo de ensino trazendo suas reflexões e pesquisas.

3.3 Por que o tarô? Tarô: Objeto de estudo

O objeto que escolhi estudar neste capítulo, e neste trabalho, é o Tarô, e sua estética. Mais a frente falarei sobre a escolha do que estudar para cada grupo e a metodologia de forma mais aprofundada. Aqui vamos refletir, de forma direta, os motivos da escolha do tarô e suas características únicas como ferramenta auxiliadora do ensino.

Sua história. Se discute que o tarô possa ter raízes egípcias ou que as 22 cartas dos arcanos maiores tenham relação com as 22 letras do alfabeto hebraico contudo os mais antigos exemplares do tarô são chamados de baralho Visconti-Sforza (Figura 15), uma coleção de vários baralhos incompletos comissionados por volta do século XV, feitos na Itália. Com o tempo o tarô alcança a França, outros países da Europa e o mundo. Se modificando e transformando, cada artista criando suas imagens e cada imagem funcionando de acordo com seu tempo e espaço, hoje existindo como um oráculo e talvez o mais popular. A pluralidade deste objeto, além da sua idade e comportamento nômade, se dá pelo incentivo da criação de baralhos e da ressignificação de suas imagens a partir de diferentes características. Seja tanto por fins lucrativos quanto para que os interessados no mundo místico possam se aprofundar no assunto em questão. Com mais ou menos 600 anos de história, existe hoje um grande acervo de baralhos múltiplos pelo mundo e cada um diferente do outro, proporcionando diversas leituras e impressões sobre os conceitos trabalhados dentro de suas cartas.

Figura 15 - Cartas Visconti-Sforza



Fonte: The Occult Encyclopedia.

Sua arte e suas particularidades estéticas. Dentro das 78 cartas de tarô existem dois grupos: os arcanos maiores e menores. Os arcanos maiores são 22 cartas de conceitos que refletem acontecimentos importantes na vida de qualquer indivíduo ou na jornada do Louco. As outras 56 cartas se dividem em quatro naipes, cada naipe com dez cartas numeradas e quatro cartas da corte, onde os elementos e a numerologia se entrelaçam para criar outros conceitos. O trabalho de cada artista é dar visualidade a conceitos abstratos como a morte, a escassez, a ilusão, a desonestade, a confiança e assim por diante. Usando da sua criatividade e conhecimentos para pensar numa alegoria que ilustre tal conceito. Um exemplo é a Sacerdotisa (Figuras 16 e 17) que traz a questão da intuição. Como ilustrar a sabedoria suprema do interior, dona do feminino, em equilíbrio com os seus sentimentos, a água e a lua, que suplica para que você entenda que existe um véu fino ao redor do mundo mas que é necessário aprender a enxergar através dele. Como pensar nesta imagem que consiga ilustrar um conceito e, simultaneamente, que consiga ser lida por terceiros, seja ele o consultente ou tarólogo. Em sua natureza a estética do tarô é uma que existe a procura de olhos ativos.

Figura 16 - Sacerdotisa de H. R. Giger



Fonte: Pinterest.

Figura 17 - Sacerdotisa de Crowley



Fonte: Pinterest.

Sua portabilidade, sua forma e possibilidade de manipulação. O baralho de tarô completo contém 78 cartas e em sua maioria é, ou deve ser, de tamanho confortável para a manipulação. Nele a imagem estática de cada artista se faz presente na palma da mão. A imagem estática e portátil se torna confortável para se pensar na construção da imagem dentro

da sala de aula. A imagem pode ser tocada, trocada, ampliada, com o auxílio de uma lupa analógica ou de celular, e existe junto com as outras cartas do baralho. As propriedades físicas de tal objeto possibilitam uma fluidez no processo.

Figura 18 - Cena de abertura de Cléo de 5 às 7



Fonte: Art of the Title.

Sua presença no mundo. O tarô já existe na vida das pessoas. Como oráculo visual e de fácil leitura ele está presente em diversas produções artísticas quando os criadores decidem trazer perspectivas esotéricas e místicas aos seus trabalhos. Os alunos da minha experiência no estágio já tinham um certo domínio sobre o objeto, este de alguma forma se fez presente nas suas vivências. No filme de Agnès Varda, Cleo de 5 às 7 (Figura 18) de 1962, a primeira cena da obra mostra a protagonista consultando uma cartomante para saber sobre o resultado de um exame. Nesta cena, podemos perceber também as relações de domínio da imagem. A cartomante tira as cartas e apreensiva diz que vai ficar tudo bem, porém quando a protagonista vai embora a cartomante diz ao marido que viu a morte e que nossa personagem está fadada ao fim. Sem o domínio deste tipo de imagem a protagonista precisa de outra pessoa que traduza as informações presente nela sem nunca poder confiar realmente nas palavras daquele que domina. No período de escrita deste trabalho, ano de 2024, o serviço de streaming Disney+ lançou uma série chamada “Agatha desde sempre” (Figura 19) onde em um dos episódios a leitura do tarô, leitura esotérica, é o ponto principal da trama, um obstáculo a ser

vencido. No ano de 2023 a jogadora de vôlei Márcia Fu participou da edição 15 do reality show A Fazenda, e cantou a música “Escrito nas estrelas” onde o tarô está presente em seu refrão, o acontecimento popularizou a música novamente trazendo a presença do tarô, mesmo que apenas na palavra, para a internet de 2023 e 2024 e destaca que o objeto também estava presente nos anos 80 quando a canção foi escrita. Outros métodos divinatórios também marcam presença na cultura popular, como o jogo de búzios dentro do contexto de religiões de matrizes africanas, a leitura de folhas de chá e de mão.

Figura 19 - Pôster de Agatha desde sempre



Fonte: Universo Marvel 616.

Seu potencial educativo. Como foi desenvolvido acima, a imagem do tarô procura olhos ativos para florescer e olhos atentos para tirar dela tudo que ela pode oferecer. Neste objeto a relação entre arte e fim está baseada na possibilidade de interpretação do material, ou se não interpretação pelo menos uma leitura de acordo com o que a imagem revela e com o que seus códigos trazem, sendo eles naipes, números e símbolos.

Alguns poucos baralhos são pensados sem a reflexão entre imagem e significado, com um peso maior sobre ser uma mercadoria do que um produto estético com um trabalho visual profundo. Eu posso criar dois baralhos com o tema Felinos e acabar com resultados completamente díspares. Posso organizar 76 exemplares de felinos e em um baralho ilustrar tais animais de forma aleatória nas cartas e no outro diferenciar grandes felinos e pequenos

felinos para por nas cartas de arcanos maiores e menores. Este pequeno ato já me oferece uma distinção visual de leitura. Posso também pensar nos felinos em cenas, posso separá-los por cores, por família, por regiões e afins, Posso construir a imagem de diferentes formas e oferecer certos meios para que uma pessoa desenvolva suas teorias acerca do objeto. Em sua maioria, mas nem sempre, a imagem do tarô irá se voltar para o ato de ler e a cada artista visual, ou entusiasta do baralho, que cruza o caminho do tarô ganhamos novas possibilidades de representação dos mesmos códigos.

Além da imagem querer ser contemplada para sua compreensão, o tarô oferece a possibilidade de qualquer pessoa construir o seu baralho numa proposta de entender o objeto, e a construção de imagem, de dentro para fora. Arthur Edward Waite, que desenvolveu o baralho Rider-Waite-Smith, e Aleister Crowley, que desenvolveu o baralho de Thoth, ambos se aprofundaram no estudo das cartas e propuseram baralhos muito influentes, até hoje, com a respectiva ajuda das artistas Pamela Colman Smith e Lady Frieda Harris, que se tornaram nomes muito importantes na ilustração do tarô pela forma como suas imagens representavam os pensamentos de seus idealizadores.

3.4 A hermenêutica do Tarô

A hermenêutica, como dito anteriormente, diz respeito à interpretação. Quando procuramos interpretar algo nos colocamos em posição de proximidade das coisas. Aqui separamos os termos de ler e interpretar. A leitura de imagem, ou de outro objeto, pode observar um artefato e seu exterior de forma completa, contudo a palavra não implica a necessidade de aprofundamento. Se formos ler visualmente um poster de algum filme da Carmen Miranda podemos fazer um exame da sua roupa, maquiagem ou outros aspectos físicos da performance. A leitura pode estar ligada com a captação de dados de uma imagem, como um comportamento de retenção de informações superficiais, ainda que importantes. Pode também adentrar a obra mas não existe uma obrigatoriedade de tal atitude. A interpretação, ou a hermenêutica, por outro lado é um ato de compreensão. Uma procura de absorção e tradução daquilo que está sendo observado, obrigatoriamente preocupada em se aprofundar no interior de um objeto. Se eu for estudar o mesmo pôster do exemplo anterior, com a intenção de interpretar tal item, posso me preocupar com a construção de uma identidade brasileira de uma atriz portuguesa em território norte americano no século 20.

Gadamer, com sua estética hermenêutica, lançou-se pela recusa desta restrição do campo interpretativo, problema percebido tanto na obra de Schleiermacher quanto

na de Dilthey, e em outras, elegendo a arte como exemplo antitético ao modelo das ciências naturais. Propunha, assim, em seu lugar, um discurso onde a compreensão pudesse ser percebida como um fenômeno aberto, o fenômeno hermenêutico, porque neste a experiência de verdade pode surgir a partir da copertinência inicial ao horizonte de aparição da obra, como afirma o filósofo, citado por Marco Antonio Casanova, organizador e tradutor para língua portuguesa de breves ensaios publicados entre 1943 e 1989, que reaparecem nesta Hermenêutica da Obra de Arte. Gadamer vê a arte como fenômeno hermenêutico por excelência uma vez que seu processo interpretativo requer que se indague diante da obra o que ela tem a nos dizer imediatamente em relação à instauração de nossas expectativas sobre a mesma. (BAGOLIN, 2010, p. 265-269).

O tarô, pelas suas especificidades, vai oferecer hábitos distintos. Todas as cartas vão sofrer uma leitura física da imagem, contudo nem todos vão interpretar suas mensagens. A carta da Morte, por exemplo, é uma das mais afetadas por esses dois níveis de leituras diferentes. A palavra morte e as representações atreladas a ela, num processo de leitura, estão muito associadas ao óbito, conclusão de vida, quando em muitas representações utilizando dos signos visuais e da interpretação podemos chegar ao conceito de fim, encerramento de ciclos. Por mais que todo o processo de análise comece do lado de fora, a compreensão de um assunto procura fazer voltas internas no produto. Ler, reler, refazer e recomeçar, entender de forma prática ao invés de reter informação de forma teórica. Esse comportamento natural do tarô, uma imagem construída para ser lida, aplicado na educação facilitaria o processo de observação de outras imagens com comportamentos divergentes.

Pensando na construção estética do tarô, percebemos a super utilização de componentes visuais que contribuíram para a leitura e interpretação destas imagens. De acordo com o filósofo e teórico da semiótica Charles Sanders Peirce, esses componentes vitais da imagem, vão ser chamados de Signos. Os signos para Peirce (1955) se dividem em três categorias: Ícone, Índice e Símbolo. O Ícone estabelece uma relação direta física com a sua referência, como uma placa de extintor de incêndio indica a localização de um extintor de incêndio. O Índice, diferente do Ícone, não vai estabelecer uma relação direta de espelhamento físico com o seu objeto, mas irá sugerir algo, possibilitando que o observador estabeleça relações de acordo com o seu conhecimento de mundo, como o vapor revelando que algo está quente. O Símbolo por sua vez existe em função de acordos culturais de inúmeros sujeitos, tendo seu significado não fixado em sugestões ou demarcações físicas, como a cor laranja que na Índia carrega uma conotação espiritual única que difere de outros países e territórios.

Estes três tipos de signos podem ser encontrados em exagero dentro da estética do tarô quando um artista procura ilustrar uma ideia que não tem paralelo físico, levando assim o receptor a poder ler tal objeto.

Os mesmos signos também vão estar presentes em outras imagens, por vezes intencionalmente por vezes não, mas sempre construídas por eles. Em alguns dos exemplos citados no subcapítulo 1.3 o que mais chama atenção nas imagens são as formas como os signos se comportam e são usados para formar tais composições. Em particular o símbolo já que este sofre com a percepção e delimitação do ser humano para se definir e pode muitas vezes existir com uma sutileza frágil, quase transparente a olhares desatentos.

Estudar o tarô, ao analisar a sua imagem utilizando da leitura e da interpretação, tem como efeito preparar um aluno para que ele possa adentrar espaços visuais de forma questionadora, quando necessário. A construção da estética desta expressão, e de outras, pode ser usada como uma forma de exercício, um treino do olhar para que este sentido reconheça os mecanismos da visualidade como comunicação atual, fluida e profunda.

3.5 Passo a passo

A metodologia com o tarô: Neste trabalho defendo uma metodologia e entendo que esta palavra carrega o sentido de possível estrutura, documentada, para que um processo de ensino, um projeto voltado para o tarô, a Cultura visual e a leitura de imagem, seja reproduzido com uma base sólida para que outros professores possam integrar esse conteúdo em suas salas de aula (FERRAZ; FUZARI, 1999). Proposta que se iniciou com a aplicação em uma turma e continuou com o desenvolvimento de oficinas. O tarô, como dito anteriormente, tem um grande apelo e pode ser usado em diversos grupos por criar uma grande abertura e promover um ambiente fértil para o desenvolvimento da leitura e compreensão de imagens. A metodologia existe hoje neste formato de processos:

- A. Apresentação do tarô, sua história e de baralhos de tarô**
- B. Confecção da primeira carta de tarô**
- C. Leitura e interpretação conjunta das cartas de tarô e sua estética**
- D. Diálogo sobre a construção de imagem no tarô e seus componentes**
- E. Inserção de imagens presentes no cotidiano**
- F. Leitura e interpretação conjunta das imagens e explicação da cultura visual**
- G. Confecção da segunda carta de tarô**
- H. Mostra de resultados em grupo**

Em uma escola esse processo seria desenvolvido através de algumas aulas, com as oficinas o tempo foi reduzido para uma aula e os resultados serão explorados no próximo

capítulo. Com os dois grupos das oficinas onde a metodologia foi aplicada a recepção e os resultados foram muito satisfatórios.

Este procedimento, estrutura, escolha de objeto e fim, funciona com diversos grupos mas outras possibilidades podem e devem ser exploradas. O foco é o estudo da imagem no contexto contemporâneo e a decodificação de suas mensagens e este resultado pode ser atingido através de diversas maneiras. Abaixo explico algumas possibilidades e discurso sobre alguns tópicos a se pensar na criação de uma metodologia.

Identificar as necessidades da turma: Quando um grupo se forma, por mais que entre os sujeitos haja singularidades, o agrupamento de membros resultará numa identidade. Numa perspectiva de negócios se usa muito a palavra cultura, por exemplo: cultura da empresa. Diversas vezes quando volto para salas de aula ouço dos professores regentes como cada turma é de um jeito e como turma A se comporta e como a turma B se separa dessas características. A turma será lida como um corpo sólido, quando for necessário, e a partir daí se inicia um processo de análise. Um professor regente que conhece esta união de indivíduos poderá já ter uma noção das suas necessidades ou poderá chegar um momento onde certos temas ganham protagonismo e o diálogo sobre eles se torna fundamental. Neste momento o docente pode escolher tratar destes assuntos para que o conhecimento trabalhado em sala seja significativo, útil e relacionável.

Perceber o que a turma, como um grupo, se interessa: Da mesma forma como no momento anterior um professor regente pode perceber os campos de fascínio da turma, em outros casos pode ser questionado ou pesquisado. A ligação do projeto com o conteúdo que atrai os alunos faz com que eles aproveitem relações pré estabelecidas com o assunto para impulsionar resultados dessa proposta de ensino.

Escolher uma expressão artística: A partir da escolha das urgências e interesses passamos a pensar em qual expressão visual consegue unir ambas as âncoras do projeto. Algo que consiga dialogar com o grupo e que seja útil dentro do processo.

Se uma turma precisa dialogar sobre o ambiente que circula a escola e a comunidade escolar e gosta de cinema, um projeto pode ser pensado sobre produções audiovisuais locais como comerciais de estabelecimentos da região e refletir se constrói essa localidade. Em alguns casos, como cidades grandes, pode ser usado o próprio cinema como material. Diversas vezes o interesse da turma pode aparecer como um possível objeto de estudo. Se uma turma tem a necessidade de falar sobre o tratamento das mulheres no dia a dia e se interessa por música, um projeto pode ser pensado sobre a representação visual da mulher no marketing da indústria musical ou em como o corpo feminino é usado nas capas dos álbuns de

música. Por mais que o interesse seja importante, ele não deve prevalecer sobre o que seria, para o docente ou escola ou comunidade escolar, importante para a construção de um indivíduo que vai se tornar um membro ativo na sociedade.

Dentro do estágio, acompanhei uma turma que se interessava pelo tarô e era de ensino médio, adolescentes no último estágio da escola. Pessoas jovens, pensando no futuro, faculdade, amizades, relações familiares e afins. Um grupo sensível, diverso e aberto para o tarô, talvez não tão aberto para falar sobre a ornamentação russa na joalheria ou arquitetura, por exemplo. Considerando as propriedades do grupo, as regências foram planejadas sobre alguns métodos divinatórios através das eras e locais, aulas onde foi discutida a procura do homem pelas respostas e pelo futuro e como essa é uma questão em comum do ser humano.

O levantamento de referências: Dentro de cada projeto, antes de sua iniciação, deverá ser realizada também uma busca, uma pesquisa, para a criação de um banco de dados das referências usadas para cada projeto. Nesta pesquisa devemos pensar não apenas sobre o material acumulado mas também nos efeitos desse material. Por exemplo, se eu no meu projeto organizar baralhos europeus do século XVIII eu poderia trabalhar as diferentes representações desse objeto, mas os produtos avaliados teriam um recorte temporal e local muito pequeno. Desejo em meu projeto falar da pluralidade da imagem então preciso recolher baralhos de tarô da Europa, da Ásia, da África, necessariamente das Américas pela metodologia ser aplicada aqui, devo pegar os primeiros baralhos, os últimos baralhos, baralhos com diferentes expressões artísticas e de diferentes épocas. O docente deve explorar na escolha de objeto escolhido as possibilidades e intenção do projeto.

Outro momento do projeto é quando os próprios alunos forem levantar e trazer outros baralhos, eles precisam também participarativamente trazendo informações pertinentes ao projeto. Trazendo imagens do tarô primeiramente e mais tarde imagens que os cercam fora da sala de aula.

Deixo aqui uma seleção de baralhos que considero ser positiva num estudo dentro de sala e com a possibilidade de construir um repertório visual cultural diverso para aqueles que os estudarem através da observação e comparação. Podendo ser capturadas imagens digitais desses baralhos, para uso em sala, sem a necessidade de compra. Com esses exemplos de baralhos, um grupo pode desenvolver livremente o ato de interpretação. Sem a necessidade de obter imagens de todos os baralhos ou até de estudar todas as cartas, tudo depende do grupo e do tempo. Aqui temos diferentes abordagens sobre o mesmo objeto e como cada artista trabalha suas definições. Tendo em vista que ao longo do projeto novas imagens serão abordadas e junto com elas novas concepções de imagem e o que ela pode vir a significar.

Tarô Rider-Waite-Smith - 1909 - Arthur E. Waite (Artista, Pamela Colman Smith)

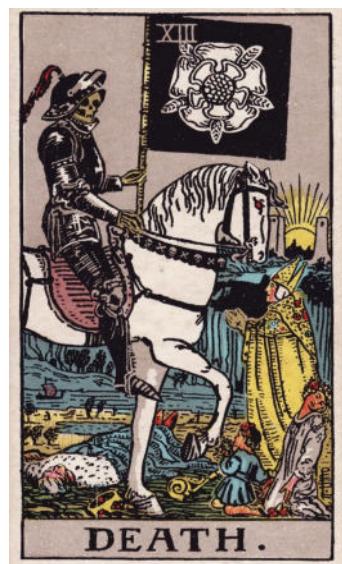
Cartas do baralho Rider-Waite-Smith (Figuras 20 e 21).

Figura 20 - Rider-Waite-Smith 10 de Espadas



Fonte: Pinterest.

Figura 21 - Rider-Waite-Smith A Morte



Fonte: Pinterest.

Aquarian Tarot - 1970 - David Palladini

Cartas do baralho Aquarian Tarot (Figuras 22 e 23).

Figura 22 - Aquarian Tarot O Eremita



Fonte: Pinterest.

Figura 23 - Aquarian Tarot Os Enamorados



Fonte: Pinterest.

Omni Tarot - 2022 - Olivia M Healy

Cartas do baralho Omni Tarot (Figuras 24 e 25).

Figura 24 - Omni Tarot A Imperatriz



Fonte: Pinterest.

Figura 25 - Omni Tarot O Imperador



Fonte: Pinterest.

The Lioness Oracle - 2016 - Alejandra Luisa León

Cartas do baralho The Lioness Oracle (Figuras 26 e 27).

Figura 26 - The Lioness Oracle O Sol



Fonte: Pinterest.

Figura 27 - The Lioness Oracle O Louco



Fonte: Pinterest.

Kazanlár Tarot - 2021 - Emil Kazanlár

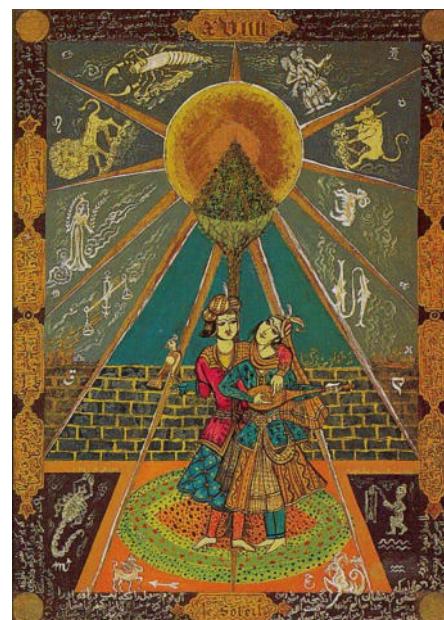
Cartas do baralho Kazanlár Tarot (Figuras 28 e 29).

Figura 28 - Kazanlár Tarot O Mago



Fonte: Pinterest.

Figura 29 - Kazanlár Tarot O Sol



Fonte: Pinterest.

Tarô do Divino - 2023 - Yoshi Yoshitani

Cartas do baralho Tarô do Divino (Figuras 30 e 31).

Figura 30 - Tarô do Divino Rainha de Ouros



Fonte: Tumblr.

Figura 31 - Tarô do Divino Sete de Ouros



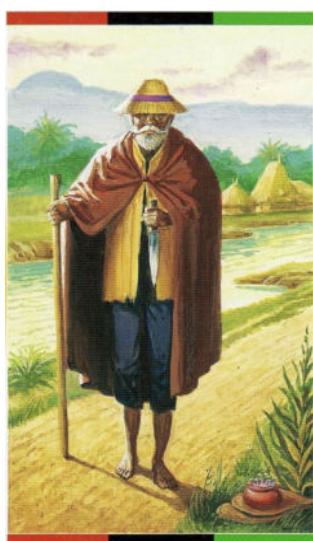
Fonte: Pinterest.

African American Tarot - 2007 - Jamal R. (Artista, Thomas Davis)

Cartas do baralho African American Tarot (Figuras 32 e 33).

Figura 32 - African American Tarot A

Temperança



Fonte: Pinterest.

Figura 33 - African American Tarot A

Carruagem



Fonte: Pinterest.

The Fountain Tarot - 2017 - Jason Gruhl (Artista, Jonathan Saiz)

Cartas do baralho The Fountain Tarot (Figuras 34 e 35).

Figura 34 - The Fountain Tarot A Torre



Fonte: Pinterest.

Figura 35 - The Fountain Tarot A Estrela

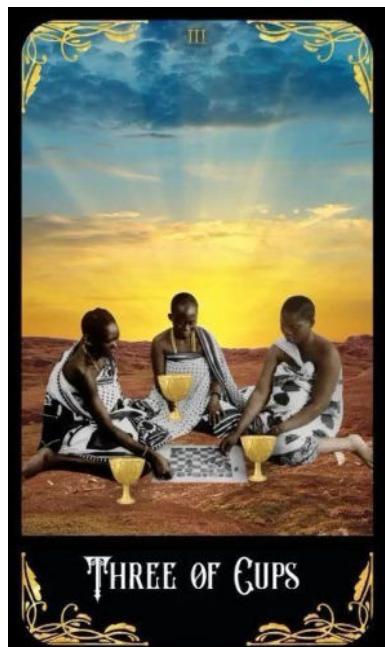


Fonte: Pinterest.

The Afro Tarot - 2024 - Jessi Ujazi

Cartas do baralho The Afro Tarot (Figuras 36 e 37).

Figura 36 - The Afro Tarot 3 de copas



Fonte: Pinterest.

Figura 37 - The Afro Tarot A Sacerdotisa



Fonte: Pinterest.

Tarô Nordestino - 2022 - Pedro Índio Negro

Cartas do baralho Tarô Nordestino (Figuras 38 e 39).

Figura 38 - Tarô Nordestino A Torre



Fonte: Pinterest.

Figura 39 - Tarô Nordestino A Morte



Fonte: Pinterest.

Adequamento da proposta ao currículo da escola: A proposta do projeto é pensar um novo formato de ensinar onde o conteúdo é voltado para o aluno e onde ele também participa do processo de forma ativa. Contudo ainda devemos pensar em como este se adequa dentro da estrutura escolar. Da mesma forma que pensamos anteriormente em como cada expressão escolhida pode refletir um assunto, podemos pensar também em como os conteúdos que devem ser tratados na sala de aula podem se utilizar destes comportamentos e da pedagogia de projeto.

Definir as diretrizes do projeto: Caberá ao docente definir os limites da proposta. Uma por exemplo é o tempo, cada escola ou grupo terá uma situação específica e a duração é uma propriedade muito única. O professor dentro dos seus deveres terá que definir os limites do projeto. Outras questões podem ser a forma como se dará a pesquisa e como o conteúdo será abordado. As diretrizes são infinitas mas precisam ser definidas pensando em como desenvolver um programa para o aluno ao mesmo tempo entendendo que tal programa pode ser modificado, de acordo com as variáveis de cada projeto.

No meu planejamento faço uma costura dentro do objeto, relaciono ele e a sua construção, diálogo com o grupo sobre as leituras que cada um tem e retomo uma produção. Entender, trabalhar, discutir, traduzir e trabalhar novamente.

Definir o dever do aluno com o projeto: Como o aluno deve se portar no projeto de leitura de imagem, ou outro assunto. Em meu ensino médio tive a oportunidade de fazer parte de um projeto interdisciplinar. Onde nós deveríamos escolher um tema em grupo e fazer um banner e uma apresentação de slides sobre determinado assunto. Nós, alunos, éramos os pesquisadores, designers e portadores de conhecimento, para entregar à turma um fragmento do tema escolhido.

O docente deve pensar no fim do projeto e como o aluno fará parte do processo. Que não é fazer todo o trabalho, deve ter ali sempre a presença do professor muito mais como guia do que como a personificação do conhecimento. No exemplo de projeto criado acima sobre os comerciais regionais talvez o papel do aluno seja o de fazer um levantamento de dados audiovisuais, ou a comparação de representações do espaço físico local ou até a criação de um produto audiovisual que reflita percepções do grupo sobre a sua localidade.

Como pode ser avaliado o desenvolvimento dos alunos: Este trabalho tem como fim pensar uma forma de ensino que consiga: A) Nivelar os níveis de leitura e interpretação da imagem dentro de um grupo. B) Trazer uma arte pública, comum, em suma, a Cultura Visual para a sala de aula. No fim do projeto, como mostra a estrutura, os últimos dois tópicos são, respectivamente, sobre fazer uma nova carta e ter uma mostra de resultados com a turma

e a partir disso podemos pensar em como avaliar o processo. Dividido em dois tópicos requisitos capazes de quantificar o sucesso de um indivíduo dentro da proposta:

- Dentro de um relatório, simples mas regular, registrar se o aluno participou da proposta: se trouxe informações ou obras, se contribuiu com o projeto, se participou das discussões...
- Dentro das produções, identificar se houve uma alteração na forma como o indivíduo pensa a imagem, sua construção, suas possibilidades e fim.

4 PROJETO EM PRÁTICA

4.1 Documentação

Dentro do período de 2024, procurando fortalecer a minha tese, consegui adaptar o projeto para o formato de oficina e aplicá-la em dois grupos distintos. Dentro da oficina busco, em seu curto período, trazer o tarô, sua estética, a cultura visual, a construção e a interpretação de imagens, dialogando sempre com os meus saberes, dentro do planejamento de aula, e os da turma, como um coletivo profundo e distinto. Os alunos das duas oficinas iniciam a aula fazendo uma carta, há um período de discussão sobre as imagens e depois é proposta uma nova produção da mesma carta².

4.2 Oficina 1 - Escola de Belas Artes da UFRJ

A primeira aplicação da oficina foi realizada na Escola de Belas Artes da UFRJ com alunos de diversos cursos da faculdade durante a segunda edição da Semana das Licenciaturas. Alunos do ensino superior, que estudam artes visuais em diferentes áreas e se inscreveram por livre e espontânea vontade em uma oficina voltada para o tarô e leitura de imagem, que compartilha o mesmo nome deste trabalho.

² Todas as imagens apresentadas a seguir são desenhos realizados dentro das oficinas capturadas por fotografia ou digitalização realizada pelo autor, por isso a fonte mostra a qualidade de “própria autoria” que se refere ao formato de arquivo digital da imagem e não ao seu conteúdo. Todos os arquivos foram capturados ou criados no ano de 2024.

Figura 40 - Oficina EBA Enamorados 1



Fonte: Própria autoria.

Figura 41 - Oficina EBA Enamorados 2



Fonte: Própria autoria.

Carta dos Enamorados: Na primeira carta (Figura 40) vemos um casal hetero abraçado num campo aberto com a lua e o sol iluminando este momento dividindo o céu em dia ensolarado e noite estrelada. A carta por mais que traga um cenário externo diverso a carta conta com componentes muito tradicionais da carta dos Enamorados como o casal hetero e algum exemplo de luz superior abençoando o casal. No baralho Rider-Waite-Smith o casal, Adão e Eva pelos símbolos bíblicos da carta, também estão em um campo aberto com montanhas e um ser divino e radiante abençoando sua união. Na segunda carta (Figura 41) a ilustração dos Enamorados sofre uma alteração, agora duas mãos são apresentadas em lados opostos da imagem, cada mão interligada por uma linha confusa, cheia de voltas e nós. Nesta versão da carta através da linha conectar as duas mãos conseguimos perceber uma união, pelo ritmo da linha percebemos que o amor ou os vínculos podem ser turbulentos e a escolha dos nós nos dedos, anelares, explicitam relações matrimoniais ou afetivas.

Figura 42 - Oficina EBA Injustiçada



Fonte: Própria autoria.

Figura 43 - Oficina EBA Justiceira



Fonte: Própria autoria.

Cartas que trabalham o conceito de justiça: Dentro da proposta os alunos poderiam sim criar novas cartas, comportamento aceito e incentivado dentro do tarô. Neste exemplo, partindo da carta da justiça é criada outras duas cartas, a injustiçada e a justiceira. Aqui as ilustrações são bem semelhantes com pequenas diferenças alterando um resultado completamente. Na primeira versão (Figura 42) vemos uma mulher com rosto austero enfrentando seu destino, com linhas saindo de sua cabeça formando um círculo, como uma auréola. Em seguida vemos na próxima versão (Figura 43) uma mulher sorrindo perante seu destino. As duas cartas uma do lado da outra parecem estabelecer uma relação de ícones de mártir e vingador, a imagem também estabelece uma relação com o feminino, a mulher, o fogo e a sentença. Relações podem ser construídas com a personagem histórica Joana D'arc, os julgamentos de mulheres na América do Norte e Europa por bruxaria e suas mortes pela fogueira.

Figura 44 - Oficina EBA Seis de Paus



Fonte: Própria autoria.

Carta seis de Paus: Por uma dobradura na folha as cartas estão aqui presentes em ordem contrária. A carta seis de Paus (Figura 44) significa vitória, triunfo e sucesso. A primeira, na direita, procura se aproximar da representação do baralho utilizado em sala, dessa vez com uma protagonista feminina no cavalo. A segunda versão altera o posicionamento deste corpo e sua fisionomia, trazendo o objeto que representa o naipe seis vezes, comportamento padrão dos baralhos comuns e alguns baralhos de tarô como forma de codificação da carta. Contudo, um símbolo é adicionado à composição da imagem: a coroa de louros que significa vitória, já que era concedida aos vitoriosos em competições na Grécia e Roma.

Figura 45 - Oficina EBA A Morte 1

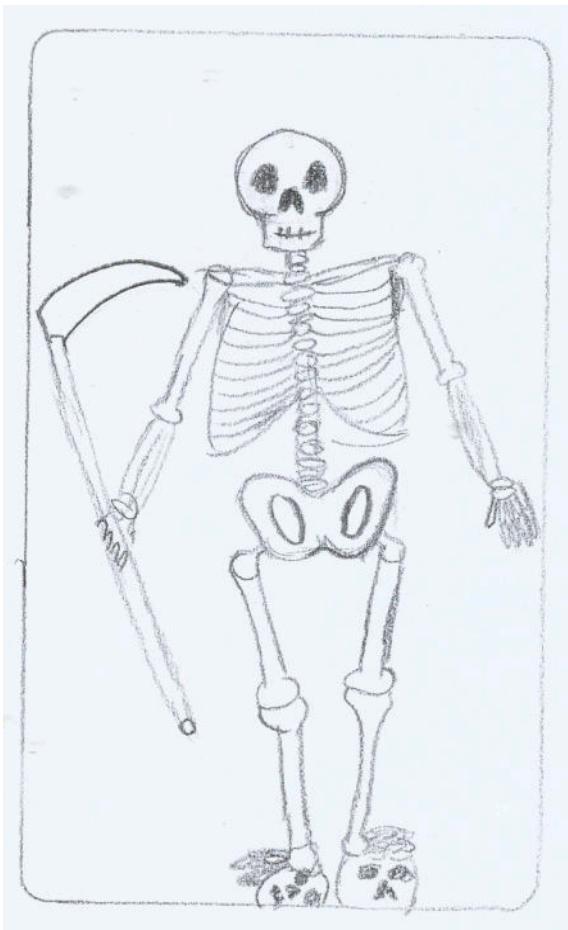


Figura 46 - Oficina EBA A Morte 2

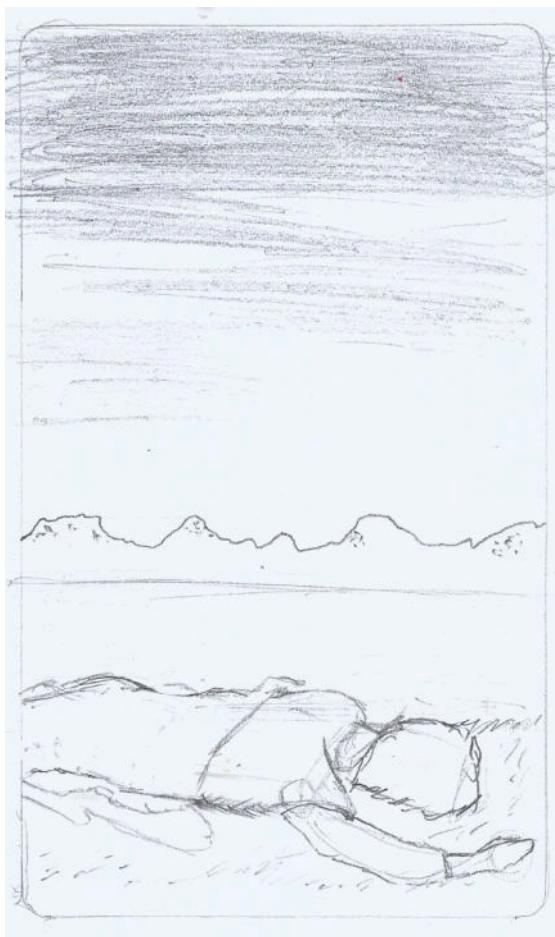


Fonte: Própria autoria.

Fonte: Própria autoria.

Carta da Morte: Nestes exemplos exploramos a carta da Morte. No primeiro desenho (Figura 45) temos contato também com uma representação tradicional da morte, uma representação semelhante à presente no baralho de Marselha, popular na França no século 17 e 18. Na segunda versão da carta a morte (Figura 46) está representada como uma mulher grávida com os ossos do crânio à mostra. As duas cartas trabalham o aspecto de nascimento da morte de forma diferente, em uma o ceifador e em outra uma gravidez.

Figura 47 - Oficina EBA 10 de espadas 1



Fonte: Própria autoria.

Figura 48 - Oficina EBA 10 de espadas 2



Fonte: Própria autoria.

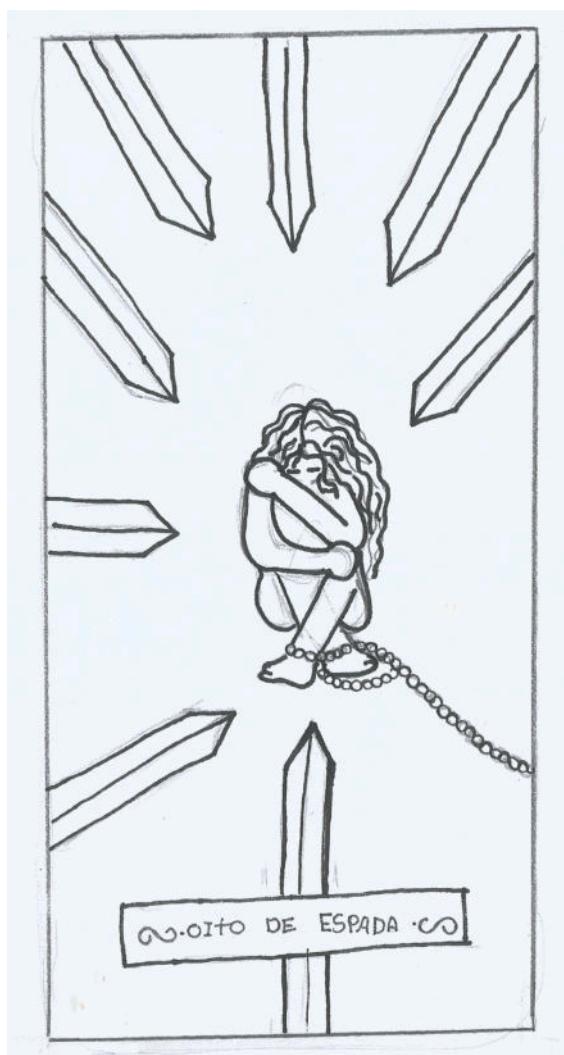
Carta 10 de Espadas: A versão do 10 de espadas do baralho Rider-Waite-Smith, usado de forma física nas oficinas, contém a imagem de um homem deitado com 10 espadas cravadas nas suas costas. A primeira ilustração (Figura 47) feita sobre a carta, pega a posição do homem porém sem as espadas em suas costas. Na segunda versão (Figura 48) o cenário é alterado, a posição do corpo deitado é a mesma mas o contexto medieval é substituído por um moderno. Agora o homem tem 10 buracos de balas nas costas e está sangrando enquanto um carro de polícia está parado no fim da rua. A carta, no tarô, trabalha conceitos de ruína, desgraça , dor imensa, ponto de ruptura... A segunda ilustração consegue trabalhar de forma diferentes os mesmos conceitos.

Figura 49 - Oficina EBA Oito de espadas 1



Fonte: Própria autoria.

Figura 50 - Oficina EBA Oito de espadas 2



Fonte: Própria autoria.

Carta oito de Espadas: Esta carta representa as situações onde sentimos não ter saída, aprisionamento. Mais uma vez a primeira carta (Figura 49) se assemelha ao baralho usado em sala, enquanto a segunda (Figura 50) explora uma visão mais sombria, com uma mulher nua, acorrentada e abraçando o próprio corpo, ainda com oito espadas em volta dela.

Figura 51 - Oficina EBA A Força 1



Fonte: Própria autoria.

Figura 52 - Oficina EBA A Força 2



Fonte: Própria autoria.

Carta da Força: Temos aqui (Figura 51) uma comum representação da carta de diversos baralhos, como o usado em sala ou o The Fountain Tarot, Tarô de Marselha, e afins, uma mulher confiante perto de um leão, ou outra fera, às vezes com a mão dentro de sua boca. Em sua outra versão (Figura 52), a mulher veste a pele do leão morto, representado pelos Xs nos olhos, como uma capa enquanto desce uma corda bamba.

4.3 Oficina 2 - 9º ano Colégio Pedro II

Direcionada para alunos do último ano do ensino fundamental, esta oficina não contou com inscrições voluntárias, um espaço na grade horária foi concedido e a turma foi entendendo as propostas conforme o desenrolar da aula. Aqui, diferente dos alunos de arte do ensino superior, poucos tinham relações profundas com o tarô, contudo mais de 95% da turma já tinha tido contato com o objeto. Os procedimentos seguiram os mesmos, porém com algumas imagens novas para a discussão.

Figura 53 - Oficina CP2 O Mundo 1



Fonte: Própria autoria.

Figura 54 - Oficina CP2 O Mundo 2



Fonte: Própria autoria.

Carta do Mundo: Ao longo desses novos exemplos, além da repetição habitual das representações tradicionais, conseguiremos perceber que este grupo tem um comportamento, talvez um olhar, muito literal para os nomes das cartas. A palavra, que é o código definidor das cartas, já que a palavra existe antes de qualquer ilustração, toma proporções muito grandes para este grupo. Aqui, na primeira representação da carta Mundo (Figura 53) , o aluno traz realmente um planeta. Pela falta de contato com o tarô e pelo curto tempo do formato oficina, alguns significados das cartas foram esclarecidos dando assim ao aluno o trabalho de explorar visualmente este sentido. A carta do Mundo significa o fim de uma jornada, quando uma pessoa teria todos os saberes daquele ciclo. Agora, no segundo desenho (Figura 54), o planeta que antes flutuava sozinho é a cabeça de um corpo, a sua mente, seu cérebro, sua consciência.

Figura 55 - Oficina CP2 O Julgamento A 1



Fonte: Própria autoria.

Figura 56 - Oficina CP2 O Julgamento A 2



Fonte: Própria autoria

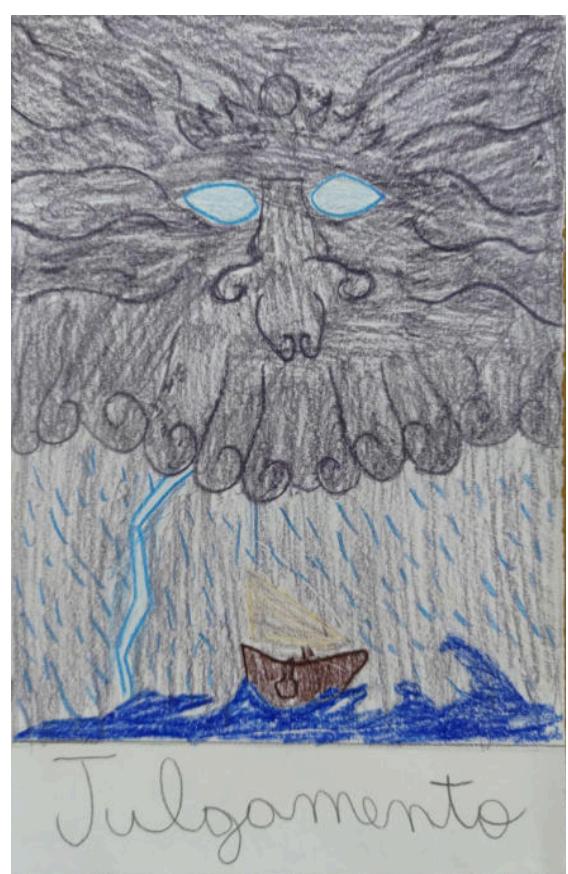
Carta do Julgamento A: Trazendo de novo a literalidade, outro aluno associou o nome, Julgamento, com o processo de justiça e utilizando um símbolo da carta da Justiça (Figura 55). Em sua segunda representação (Figura 56), sem a necessidade de explicação de um sentido da carta, trouxe o deus egípcio Osíris, juiz dos mortos e divulgador das sentenças. A utilização de Osíris como um símbolo, além de ter uma ligação direta com a palavra também se relaciona com os significados da carta.

Figura 57 - Oficina CP2 O Julgamento B 1



Fonte: Própria autoria.

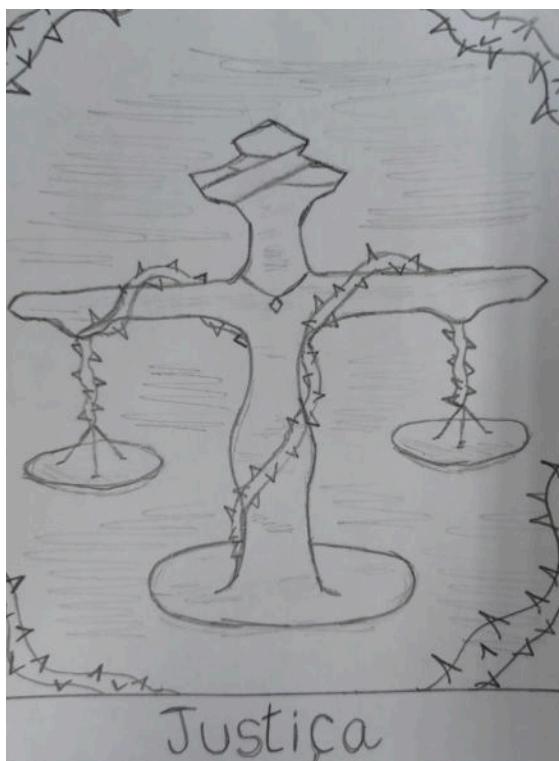
Figura 58 - Oficina CP2 O Julgamento B 2



Fonte: Própria autoria

Carta do Julgamento B: Em outra carta do julgamento não há uma aproximação física com as cartas do baralho Rider-Waite-Smith, porém a progressão de sentidos dentro de um mesmo ambiente traz uma construção de narrativa muito coerente. Em primeiro momento (Figura 57) um raio, em um segundo momento (Figura 58) uma tempestade em alto mar. A carta em si trabalha as questões de que decisões precisam ser tomadas para que haja uma progressão, escolhas devem ser feitas a todo custo. Trazendo a tempestade para a carta construímos um entendimento de tumulto e tormenta em volta dessa decisão que a todo custo deve ser tomada para avançar.

Figura 59 - Oficina CP2 A Justiça 1



Fonte: Própria autoria.

Figura 60 - Oficina CP2 A Justiça 2



Fonte: Própria autoria

Carta da Justiça: Encontramos neste desenho (Figura 59) o símbolo usado dentro da carta da justiça no baralho que foi usado em sala. Mesmo que não houvesse baralho, a justiça é muito associada com a balança, aqui decorada com ramos espinhosos. No desenho a seguir (Figura 60) o aluno colocou os símbolos dos heróis participantes da Liga da Justiça, incumbidos de proteger e cuidar dos indefesos, prezar pela paz e punir os super vilões que oferecem perigo à sociedade. Os signos presentes nos desenhos, quadrinhos ou cinema, nos obrigam a estabelecer uma relação com seus personagens e sua ordem, Liga da Justiça.

Figura 61 - Oficina CP2 O Sol 1



Fonte: Própria autoria.

Figura 62 - Oficina CP2 O Sol 2



Fonte: Própria autoria

Carta do Sol: Em suas manifestações físicas haverá muitos baralhos ilustrando o sol redondo e com rosto. O aluno na sua primeira versão (Figura 61) traz o sol com rosto e seus famosos raios solares como ondas com hachuras. Este aluno, entre os dois processos pediu ajuda com a segunda representação, alguns estudantes tiveram dificuldade em ilustrar, principalmente, o conceito de positividade. Muitos usaram um sorriso. Ofereci a eles a resolução de que o sol e sua luminosidade também podem cegar e que a carta pode significar justamente o conceito de cegueira. Este aluno ouviu e explorou as possibilidades de como representar tal ideia. No final da aula, quando houve a captação digital desses resultados ele me perguntou se tinha feito direito, certo. Sem responder peguei a carta (Figura 62) e desmembrei seus signos. Primeiro observamos o olho, que significa a visão. Depois, o X sobre o olho, como um cancelamento dessa visão. Além disso, passamos pelo “sangue” escorrendo pelas laterais deste olho, indicando sua má condição. Perguntei se eram estes os significados que ele gostaria de trazer e recebi uma confirmação. Uma coisa que percebi mais tarde é que por acaso o primeiro sol feito por ele tinha sido feito com os olhos cerrados, mas não consegui questionar ou avisar ele sobre o fato.

5 CONCLUSÃO

Espero que os resultados obtidos dentro das oficinas e a defesa realizada através desta pesquisa sejam capazes de ilustrar o potencial da aplicação desta metodologia. Considero a leitura e a compreensão de imagem as bases das Artes Visuais, sem elas não conseguimos acessar o campo. Sem a leitura não conseguimos perceber e sem a compreensão, o ato de buscar e refletir, não conseguimos entender. Por isso idealizo, e pratico, essa Hermenêutica Visual, essa proposta que deveria estar presente na base fundadora de um sujeito que vai sair da escola e habitar espaços diversos.

Durante os exemplos já citados neste texto, falo sobre os diferentes tipos de imagens que nos cercam. Se dialogamos sobre leitura e compreensão da imagem dentro de um processo educativo, é preciso também escolher um tipo de imagem como um fim do estudo. Este planejamento se apropria da cultura visual porque as imagens são distintas e estes objetos podem alcançar os alunos antes das Belas Artes. Seja em forma de novela, desenho, mangá, uniforme, meme, cinema, tarô... Existe um apelo social ligado a estes produtos, e às vezes uma necessidade de decodificá-los. Hoje, também percebo uma falta das práticas de análise da imagem dentro de alguns grupos sociais e não por escassez de vontade, mas sim pela ausência de ferramentas que ajudem tal pessoa no processo, banal, de consumir um artigo cultural.

Tendo em vista essa necessidade, que pode não ser uma urgência para todos os docentes mas pode ser para alguns, tento desenvolver e argumentar em favor de uma metodologia que pode vir a ser capaz de suprir essas faltas. Penso nessa abordagem em forma de procedimentos para que além de teorizar as necessidades e possibilidades, eu possa organizar etapas dentro de um processo educativo e oferecer uma forma de plano aplicável e reproduzível. Penso esta metodologia não como uma constante a ser seguida, mas uma perspectiva dentro da arte educação.

Mesmo não citando dentro da pesquisa, mencionou aqui a Abordagem Triangular (Abordagem Zig Zag) de Ana Mae Barbosa que faz parte da minha formação docente e que sem o conhecimento dela este trabalho poderia não existir. Dentro da minha metodologia, utilizo de seus passos e das suas concepções repetidas vezes. Sem a sua pesquisa, já consolidada dentro da Arte Educação, seria impossível criar a mesma narrativa de onde este texto se inicia. Contudo, não como uma forma de se pôr superior, a metodologia que apresento difere da de Ana Mae. Aqui, é obrigatória a repetição de leitura, a interpretação dos objetos e a necessidade do diálogo, não que não seja uma preocupação da Abordagem

Triangular, mas dentro desta pesquisa denomino estas marcações como etapas que não podem ser ignoradas dentro do processo.

Além de ser uma metodologia elaborada sobre o ensino de leitura e interpretação de imagem com o tarô, ou outro objeto artístico, dentro do campo da Cultura Visual aplicada em forma de projeto. O projeto é outro aspecto importante da metodologia, sendo em minha concepção impossível de separá-los. Esta metodologia, para mim, deve vir acompanhada da organicidade e da sensibilidade que os projetos oferecem a sala de aula e ao aluno.

Trabalhar a Cultura Visual com uma produção dela, o tarô, também faz parte desta sensibilidade. É necessário falar sobre as imagens que nos rodeiam e usar delas é uma abordagem muito adequada. Me interesso muito por Gustav Klimt, Michelangelo e outros pilares das Belas Artes mas eu também precisei adquirir o conhecimento sobre os motivos de uma propaganda me causar desejo, do porque eu não vejo corpos indígenas em destaque nos diálogos étnicos, do peso que a ligação já enrigessida entre um corpo negro e a violencia, um corpo feminino e o cuidado, um corpo queer e a sexualidade, tem na vida das pessoas e no seu pensamento. Parte da sensibilidade necessária para pensar esta metodologia vem desses problemas humanos que encarei e certamente meus futuros alunos vão passar ou meus quase alunos nos estágios, meus amigos e conhecidos já passam... É de extrema importância ter noção, retirar esse véu que cobre a realidade das coisas e a linguagem usada nos baralhos de tarô auxiliam nisso. A forma como os símbolos são usados, muito pontualmente, elucidam essas pequenas construções da imagem, os sentidos que ela carrega e de forma, principalmente, atual. A imagem e os conceitos que existem hoje também estão sendo criados hoje e seus efeitos são imediatos

Pretendo continuar explorando essa metodologia, de forma prática e teórica. Desejo futuramente estabelecer relações mais profundas entre a imagem e a psique humana fazendo pontes entre a Cultura Visual e a Antropologia, como o Ricardo Campos citado na pesquisa, e a Psicanálise. Obrigado pelo seu tempo, esta pesquisa marca meu desenvolvimento dentro da minha formação, até agora, e todos os momentos definidores que me trouxeram até aqui.

6 BIBLIOGRAFIA

6.1 Bibliografia

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 fev. 2025.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 14 fev. 2025.
- PILLAR, Analice. et al. Pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.
- DONDIS, Donis. Sintaxe Da Linguagem Visual. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PALMER, Richard. Hermeneutics: Interpretation Theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer. Edição (se houver). Estados Unidos da América: Northwestern University Press, 1969.
- CAMPOS, Ricardo. A cultura visual e o olhar antropológico. *Visualidades*, Goiânia, v.10, n1, p. 17-37, jan-jun 2012.
- CHAPLIN, Sarah; WALKER, John. Visual Culture: An Introduction. Estados Unidos da América e Reino Unido: Manchester University Press, 1997.
- DUNCUM, Paul. Picture Pedagogy: Visual Culture Concepts to Enhance the Curriculum. Grã Bretanha: Bloomsbury Publishing, 2020.
- KUSSLER, Leonardo. Arquitetura hostil e hermenêutica ética. *Geograficidade*, v. 11, n. Especial, 16-25, julho, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. Tradução de Magali de Castro. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, novembro de 1979.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e Mudança na Educação: Os Projetos de Trabalho. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. São Paulo: ArtMed, 1998.
- BAGOLIN, Luiz. Hermenêutica da Obra de Arte. Kriterion, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, v. 52, n. 123, p. 265-269, junho 2011.
- PEIRCE, Charles. Philosophical writings of Peirce. Nova Iorque: Dover Publications, 1955.
- FERRAZ, Maria; FUSARI, Maria. Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e Proposições. 2 Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

HUNDLEY, Jessica. Tarot. Estados Unidos da América: Taschen America Llc, 2020.

GLOBO.COM. Caso Richthofen. Memória Globo, 03 nov. 2021. Disponível em:
https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-richthofen/noticia/caso-richthofen.ghtml?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 fev. 2025.

G1. Justiça de SP torna dona de clínica ré por homicídio com dolo eventual e motivo torpe pela morte de paciente durante peeling de fenol. G1, 05 set. 2024. Disponível em:
https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/09/05/justica-de-sp-torna-dona-de-clinica-re-por-homicidio-com-dolo-eventual-e-motivo-torpe-pela-morte-de-paciente-durante-peeling-de-fenol.ghtml?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 fev. 2025.

7 SELEÇÃO DE IMAGENS

7.1 Figuras de 1 a 39

Figura 1 - Pinterest. Salvador de cima. Fotografia. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/30891947439866913/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 2 - O Globo. Bairro da Glória. Fotografia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/site-mapeia-historias-curiosidades-do-bairro-da-gloria-que-reune-mais-de-150-bens-preservados-tombados-24934908>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 3 - O Globo. Welcome President Barack Obama. Fotografia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/obama-ganha-homenagem-em-outdoors-nas-ruas-de-salvador-com-mensagem-digai-negao-2808111>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 4 - Arquiwiki. Exemplo de arquitetura hostil. Fotografia. Disponível em: <https://arquiwiki.com/impactos-da-arquitetura-hostil/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 5 - A gentil Carioca. Obra “Cidade dormitório”. Fotografia. Disponível em: <https://www.agentilcarioca.com.br/content/feature/534/artworks-6126-parede-gentil-n-05-cida-de-dormitorio-2007/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 6 - X. Paleta Family Guy. Ilustração. Disponível em: <https://x.com/vulgojosh22/status/1488439031935471616>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 7 - CNN Brasil. Avenida Brasil. Fotografia. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/avenida-brasil-veja-quem-serao-os-atores-que-irao-interpretar-o-remake-turco/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 8 - CinemaScópio. Cena de “O som ao redor”. Fotografia. Disponível em: <https://www.cinemascopio.com/cinema-e-tv/o-som-ao-redor/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 9 - Mídia Ninja. Cena de “ Cidade de Deus”. Fotografia. Disponível em: <https://midianinja.org/cidade-de-deus-e-o-segundo-filme-nao-estadunidesnse-mais-assistido-do-mundo/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 10 - Cinépolis. O auto da compadecida 2. Imagem. Disponível em: <https://www.cinepolis.com.br/filmes/314577-o-auto-da-compadecida-2/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 11 - Pragmatismo. Deus, Pátria e Família. Fotografia. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2022/09/deus-patria-familia-slogan-blasfemia.html>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 12 - Estado de minas. Suzanne Von Richthofen. Fotografia. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/10/31/interna_nacional,1318826/19-anos-do-caso-richthofen-o-crime-fantastico-faculdade-relembre.shtml#google_vignette. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 13 - O tempo. Natalia Becker. Fotografia. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/2024/6/10/peeling-de-fenol--outra-cliente-de-natalia-becker-relata-ter-tid>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 14 - Reddit. Elize Matsunaga. Imagem. Disponível em: https://www.reddit.com/r/HUEstation/comments/v4vp1l/uma_prova_de_amor/?rdt=63435. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 15 - The Occult Encyclopedia. Cartas Visconti-Sforza. Ilustração. Disponível em: https://www.ocult.live/index.php/Main_Page. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 16 - Pinterest. Sacerdotisa de H. R. Giger. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/354799276866661638/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 17 - Pinterest. Sacerdotisa de Crowley. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/62839357287755918/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 18 - Art of the Title. Cena de abertura de Cléo de 5 às 7. Imagem. Disponível em: <https://www.artofthetitle.com/title/cleo-from-5-to-7/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 19 - Universo Marvel 616. Cartas personalizadas baseadas no baralho Rider-Waite-Smith. Imagem. Disponível em: <https://www.marvel616.com/2024/10/como-as-cartas-de-taro-anticiparam-o.html>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 20 - Pinterest. Rider-Waite-Smith 10 de Espadas. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/852869248204358796/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 21 - Pinterest. Rider-Waite-Smith A Morte. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/360358407701218567/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 22 - Pinterest. Aquarian Tarot O Eremita. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/94012710963971649/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 23 - Pinterest. Aquarian Tarot Os Enamorados. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/288371182406622469/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 24 - Pinterest. Omni Tarot A Imperatriz. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/534872893242401069/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 25 - Pinterest. Omni Tarot O Imperador. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/535083999495386918/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 26 - Pinterest. The Lioness Oracle O Sol. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/194921490104073700/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 27 - Pinterest. The Lioness Oracle O Louco. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/687995280587733089/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 28 - Pinterest. Kazanlár Tarot O Mago. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/51580358210104056/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 29 - Pinterest. Kazanlár Tarot O Sol. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/489625790753071100/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 30 - Pinterest. Tarô do Divino Rainha de Ouros. Ilustração. Disponível em: <https://www.tumblr.com/comparativetarot/632634610865618945/queen-of-coins-art-by-yoshi-yoshitani-from-the>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 31 - Pinterest. Tarô do Divino Sete de Ouros. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/262545853270374796/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 32 - Pinterest. African American Tarot A Temperança. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/328833210308973039/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 33 - Pinterest. African American Tarot A Carruagem. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/19844054600554359/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 34 - The Fountain Tarot A Torre. Pinterest. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/212021095099023010/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 35 - Pinterest. The Fountain Tarot A Estrela. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/735986764098463968/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 36 - Pinterest. The Afro Tarot 3 de copas. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/837106649518984060/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 37 - Pinterest. The Afro Tarot A Sacerdotisa. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/491033165629904249/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 38 - Pinterest. Tarô Nordestino A Torre. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/220465344253311469/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Figura 39 - Pinterest. Tarô Nordestino A Morte. Ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/1020557965560292048/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

7.1 Figuras de 40 a 62

Figura 40 - NETO, Manoel. Oficina EBA Enamorados 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 41 - NETO, Manoel. Oficina EBA Enamorados 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 42 -NETO, Manoel. Oficina EBA Injustiçada. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 43 - NETO, Manoel. Oficina EBA Justiceira. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 44 - NETO, Manoel. Oficina EBA Seis de Paus. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 45 - NETO, Manoel. Oficina EBA A Morte 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 46 - NETO, Manoel. Oficina EBA A Morte 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 47 - NETO, Manoel. Oficina EBA 10 de espadas 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 48 - NETO, Manoel. Oficina EBA 10 de espadas 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 49 - NETO, Manoel. Oficina EBA Oito de espadas 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 50 - NETO, Manoel. Oficina EBA Oito de espadas 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 51 - NETO, Manoel. Oficina EBA A Força 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 52 - NETO, Manoel. Oficina EBA A Força 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 53 - NETO, Manoel. Oficina CP2 O Mundo 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 54 - NETO, Manoel. Oficina CP2 O Mundo 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 55 - NETO, Manoel. Oficina CP2 O Julgamento A 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 56 - NETO, Manoel. Oficina CP2 O Julgamento A 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 57 - NETO, Manoel. Oficina CP2 O Julgamento B 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 58 - NETO, Manoel. Oficina CP2 O Julgamento B 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 59 - NETO, Manoel. Oficina CP2 A Justiça 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 60 - NETO, Manoel. Oficina CP2 A Justiça 2. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 61 - NETO, Manoel. Oficina CP2 A Justiça 1. Desenho. 2024. Autoria própria.

Figura 62 - NETO, Manoel. Oficina CP2 A Justiça 2. Desenho. 2024. Autoria própria.